

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**AS DIFERENTES LINGUAGENS COMO RELAÇÕES DE PODER NO  
COTIDIANO ESCOLAR: LINGUAGEM DOS FILHOS DE CÁRCERES EM  
UMA ESCOLA DE IPERÓ**

**José Amilton de Camargo**

**Sorocaba/SP**

**2011**

**José Amilton de Camargo**

**AS DIFERENTES LINGUAGENS COMO RELAÇÕES DE PODER NO  
COTIDIANO ESCOLAR: LINGUAGEM DOS FILHOS DE CÁRCERES EM  
UMA ESCOLA DE IPERÓ**

**Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora do Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade  
de Sorocaba, como exigência parcial para  
obtenção do título de Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Hélio Iveson Medrado**

**Sorocaba/SP**

**2011**

**José Amilton de Camargo**

**AS DIFERENTES LINGUAGENS COMO RELAÇÕES DE PODER NO  
COTIDIANO ESCOLAR: LINGUAGEM DOS FILHOS DE CÁRCERES EM  
UMA ESCOLA DE IPERÓ**

**Dissertação aprovada como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre  
no Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade de Sorocaba.**

**Aprovado em:**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Ass.: \_\_\_\_\_**

**Pres.: Prof. Dr. Hélio Iveson Passos  
Medrado  
UNISO**

**Ass.: \_\_\_\_\_**

**1º Ex. Prof. Dr. Romário de Araújo Mello  
PUCAMP**

**Ass.: \_\_\_\_\_**

**2º Ex. Prof. Dra. Eliete Jussara Nogueira  
UNISO**

## **AGRADECIMENTOS**

Durante nossa vida conhecemos pessoas que vem e que ficam, outras que vem e passam. Existe aquelas que vem, ficam e depois de algum tempo se vão. Mas existe aquelas que vem e se vão com uma enorme vontade de ficar e cada uma delas leva um pouquinho de nós, ... essa é a prova de que nós não nos encontramos por acaso". Assim definiu Charles Chaplin o que poderia ser entendido como o conceito de uma verdadeira amizade. Não existem agradecimentos, frases e pensamentos que expressem esse sentimento de companheirismo.

Obrigado também a minha família que mesmo aqueles que não estão presentes em corpo, mas continuam fazendo parte de minhas realizações. Aos meus pais por terem acreditado em meu sonho.

Obrigado a cada um dos professores que considerei influente em minha formação desde os primórdios de minha escolaridade, não há, contudo a necessidade de mencioná-los um a um, não porque corro o risco de esquecer de alguém, mas porque alguns se tornaram tão significativos que não valeria a pena deixar seus nomes em um papel visto que já estão impressos em nossa memória.

Enfim, foi possível relembrar momentos marcantes e muitos outros que não foram colocados aqui e que se tornaram inesquecíveis: Contudo, mais importante que o afeto adquirido durante os anos da graduação foi sem dúvida a realização pessoal, que traduz a superação, a paciência e principalmente o (re) conhecimento de nossa capacidade individual.

**“No meio do caminho...”**

**No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra.**

**Nunca me esquecerei desse  
acontecimento na vida de minhas retinas  
tão fatigadas.**

**Nunca me esquecerei que no meio do  
caminho tinha uma pedra tinha uma  
pedra no meio do caminho no meio do  
caminho tinha uma pedra**

**Carlos Drummond de Andrade**

**“...Nada do que vivemos tem sentido, se  
não tocar no coração das pessoas”**

**Cora Coralina**

## RESUMO

O presente trabalho analisou: *As diferentes linguagens como relação de poder no cotidiano escolar: Linguagem dos filhos de cárceres na cidade de Iperó*. Para tanto, o ponto de partida foi: Quem pode ser considerado responsável pela introdução desse dialeto na sala de aula. A escola, Dr. Gaspar Ricardo Júnior da cidade de Iperó, a sociedade, os responsáveis ou o próprio professor pelo uso constante da *linguagem dos filhos de cárceres* em sala de aula. No intuito de responder a indagação proposta buscou-se analisar determinados autores que pudessem contribuir com a questão de poder, bem como aqueles que procuram diversificar a metodologia do ensino-aprendizagem através da interdisciplinaridade. Realizou-se uma pesquisa de campo em uma casa de detenção pública, tendo como foco de análise o discurso dos detentos e conseqüentemente o discurso de seus filhos, para melhor compreender a comunicação entre eles e procurar um caminho para minimizar a dificuldade encontrada no bojo da escola, já que esses utilizam-se de códigos que não são comuns no cotidiano escolar. Apontam que são inúmeras as razões que contribuem para a prática dessa linguagem e/ou dialeto, a qual tão praticada por muitos segmentos sociais. Então, faz-se necessário uma análise desta linguagem, dos seus praticantes, do entorno e contorno em que ela é difundida. Por outro lado reconhecer que a linguagem do cárcere vem ganhando força na comunicação, na sociedade e principalmente âmbito escolar. A indisciplina escolar, fatores econômicos e emocionais, a falta de limites, a violência e em alguns casos a influência da formação defasada ou tênue de educadores, são os ingredientes para a exclusão do filho do cárcere, por conta de não adequar-se à norma culta. Contudo, essa norma rege o ensino-aprendizagem em todas as modalidades educacionais. Portanto, não podemos ignorar o quanto é importante para a comunicação as diferentes linguagens existentes nos mais diferentes grupos.

**Palavras chaves:** Linguagem. Escola. Cárcere. Cotidiano Escolar.

## ABSTRACT

This study examined: Different languages as power relations in school life: Language of the children of prison in the city of Iperó. Thus, the starting point was: Who can be held responsible for the introduction of this dialect in the classroom. The school, Dr. Ricardo Gaspar Junior Iperó city, society, or the teacher himself responsible for the constant use of the language of the children of prisons in the classroom. In order to answer the question proposal sought to analyze certain authors that could contribute to the issue of power, as well as those seeking to diversify the methods of teaching and learning through interdisciplinary studies. We conducted a field research in a public detention facility, focusing on analysis of the discourse of prisoners and therefore the speech of their children to better understand the communication between them and find a way to minimize the difficulty in the wake of school, since these codes are used that are not common in daily school life. They point out that there are many reasons contributing to practice the language and / or dialect, which as practiced by many segments of society. So it is necessary to an analysis of language, of its practitioners, and the surrounding boundary where it is widespread. On the other hand recognize that the language of the prison has been gaining strength in communication, especially in society and the school. The school discipline, emotional and economic factors, lack of limits, the violence and in some cases the influence of the formation or tenuous lagged educators, are the ingredients for the exclusion of his son from prison, due to not fit the standard cultured. However, this standard governs the teaching and learning in all forms of education. Therefore, we can not ignore how important it is to communicate the different languages that exist in different groups.

**Key words:** Language. School. Prison. School Routine.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. CONCEITO DE LINGUAGEM.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1. Variedades Linguísticas.....</b>	<b>16</b>
<b>3. AS DIFERENÇAS DE CADA DIA NO UNIVERSO ESCOLAR.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. O Discurso do Rap.....</b>	<b>24</b>
<b>4. DA AUTORIDADE DAS PALAVRAS.....</b>	<b>32</b>
<b>5. LINGUAGEM.....</b>	<b>37</b>
<b>5.1. A Medida da linguagem.....</b>	<b>37</b>
<b>5.2. Norma Culta x Desvios Padrão.....</b>	<b>38</b>
<b>5.2.1. Exercícios Aprendizagem/Complementares.....</b>	<b>41</b>
<b>6. OS SENTIDOS DA LÍNGUA.....</b>	<b>43</b>
<b>7. A FORMAÇÃO DO DISCURSO.....</b>	<b>46</b>
<b>7.1. A Escola Pública Inclusiva x Diversidade.....</b>	<b>46</b>
<b>8. AXIOLOGIA DA LINGUAGEM.....</b>	<b>50</b>
<b>8.1. Língua Escrita x Língua Falada.....</b>	<b>52</b>
<b>8.2. As Amarras discursivas.....</b>	<b>53</b>
<b>9. RELATO DE TRAJETÓRIAS SIGNIFICATIVAS DOS ALUNOS.....</b>	<b>56</b>
<b>10. NARRATIVAS.....</b>	<b>58</b>
<b>10.1. Negão- PB – 52 anos – Casado e com 2 filhos.....</b>	<b>58</b>
<b>10.2. Alemão- Mairinque – 30 anos – Casado, sem filhos.....</b>	<b>59</b>
<b>10.3. “Baixinha” – São Bernardo do Campo – 40 anos, casada/viúva/ casada, e com 4 filhos...60</b>	
<b>11. REVENDO AS PRÁTICAS.....</b>	<b>63</b>
<b>12. CERTEZAS PROVISÓRIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO.....</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

*O que seria de uma orquestra se cada músico tocasse o que quisesse? Se não houvesse disciplina? Ela é necessária, e deve ser vista como um meio e não como um fim*

Vascelos

A escola é uma instituição educativa extremamente complexa, tendo em vista a diversidade cultural, social, econômica e política que ali se evidencia. Contudo sua missão é a de facilitar a socialização de cada indivíduo, aprender as formas de conduta social do longo de seu período escolar.

Durante algum tempo, as escolas acabaram por ampliar suas funções como de cuidar de crianças, dando respaldo enquanto seus pais trabalham.

Infelizmente muitos pais encontram-se em situações atípicas, por exemplo no *cárcere*, obrigando as mães trabalharem para manter o sustento de seus filhos. No caso específico de Iperó, menores de 6 anos ficam nas creches os maiores dessa idade, frequentam a escola metade do período e a outra parte do dia é destinada a projetos sociais no município de Iperó.

O que pode diferenciar o aluno de hoje é sem dúvida o respeito, e uma das justificativas para o comportamento de indivíduos indisciplinados considerados até comum no ambiente pedagógico, é a frase bastante recorrente apontada por Aquino (2000). “Se o aluno aprende, é porque o professor ensina, se ele não aprende, é porque não quer ou porque apresenta algum tipo de distúrbio, de carência, a falta de pré-requisitos”. Contudo, a escola atual é considerada mais permissiva comparada à rigorosidade de antes, além deste fato que as escolas ampliaram consideravelmente suas vagas para o acesso, ao menos no ensino fundamental que acabou se tornando grande desafio para os educadores de hoje, pois os educadores não são detentores do saber, o ensino-aprendizagem ocorre à maneira que os alunos possam participar na construção desse conhecimento, feito pela coletividade os *conceitos* de determinados assuntos e nunca a *definição*. Desta maneira os educadores acabam propiciando a permanência dos alunos na instituição escolar, digo, na E. E. “Dr. Gaspar Ricardo Júnior”, de forma significativa, tanto na quantidade quanto qualidade em seus estudos no que diz respeito a aprendizagem.

O professor, posto não como uma figura central, mas um facilitador de aprendizagem. (PERRENOUD 1999).

Todavia, paramos então para defender um sistema que julgamos impossibilitado de apontar soluções cabíveis. Quando estes caminhos de mudanças estão nas mãos do próprio educador; juntamente com os alunos tem o leme de modificar a tão esgotada máquina educativa, chamada *escola/sociedade*.

A educação não é apenas uma questão de cidadania, tem relação direta com o indivíduo, com a produtividade, em suma com o seu bem estar.

O educando se educa ao encontrar no grupo e no educador os pares mais avançados no processo e por isso devem-lhe propiciar todas as condições necessárias para seu desenvolvimento: a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento (VYGOTSKY, 1993, p. 84-85).

Nota-se que uma parte dos alunos, àqueles que tem o pai no cárcere, utilizam-se de termos/expressões para comunicarem-se que são próprias do ambiente prisional, as quais não se enquadram à norma culta, à fala popular, tampouco à gíria. Portanto, quando esses alunos manifestam-se em sala de aula com os seus discursos, nas aulas em que precisam de expor seu ponto de vista, a maioria calam-se, é visível o descaso a esses portadores deste “*dialeto*”, pois os filhos do cárcere não empregam as regras gramaticais em sala de aula. Contudo portadores deste dialeto “*diferente*” demonstram-se muito preocupados com a indiferença dos amigos, pois esses filhos do cárcere fazem-se presentes em todas as situações quando solicitados e com isso ganham espaços em sala de aula.

Outrora esse “*dialeto*” causava estranheza ao grupo, porém o tempo incumbiu-se de minimizar essa diferença e parte dos alunos apossaram-se desse vocabulário. Cabe aqui ressaltar de que esse “*discurso*” do qual me refiro, os que dele utilizavam-se eram os filhos dos detentos.

Embora a heterogeneidade do aprendizado dos alunos numa mesma sala de aula seja imensa, não podemos tolher os direitos que lhes são garantidos. No entanto, os alunos daquela escola (E.E. “DOUTOR GASPARD RICARDO JÚNIOR”-IPERÓ/SP) cujos pais encontram-se reclusos, é notório uma resistência acirrada a quaisquer trabalhos em grupos, seja pelo receio de se expor aos seus companheiros, aos professores entre outros. A motivação e a obrigatoriedade da escolarização para muitos que têm o pai no cárcere, aparecem como elementos

contraditórios: ora o aluno é abrigado a ser assíduo às aulas, ora busca-se motivá-lo para isso.

Como isso tornou-se contínuo por parte dos alunos e onde se evidenciava era a escola, o assunto era propício a uma pesquisa, afim de conceituar esse dialeto, como: origem, praticantes, significação, significado, entre outros, a qual se deu através da produção textual, cujos textos eram dissertativos com aparição de vocábulos não condizentes com a estrutura textual, deixando-o incoeso e incoerente.

À priori, diagnosticou-se como sendo uso exclusivo do sistema prisional, porém esse discurso do cárcere vem ganhando força e ampliando em vários segmentos sociais, tornando-se assim como elementos comuns no cotidiano, principalmente no âmbito escolar.

Essa motivação ou nova linguagem para os filhos do cárcere pode ter várias faces; como o desejo de aprender, encontrar-se com outras pessoas, ter a escola como passatempo, provar aos seus de que é melhor que aquele recluso. Cério que seja demonstrar relações de poder.

No universo desse aluno (filhos de detentos) juntamente com os seus pares desenvolvem uma linguagem/códigos extremamente diferenciados, os quais não fazem parte da norma culta, da língua popular, tampouco das gírias. Contudo, vem criando formato, corpo e difundida em muitos segmentos sociais e principalmente nos bancos escolares. Cabe-nos então a análise do sucesso/insucesso como o acerto/erro, e se podem ser utilizados como fonte de virtude na aprendizagem escolar. Com intuito de responder determinadas questões relacionadas à linguagem, assim como críticas sobre o uso dessa linguagem, teço considerações sobre o assunto.

Em conversa com alunos, os quais têm seus pais reclusos, comentou-se de que o uso desses vocábulos: boi, proca, lupa, entre outros, dentro do cárcere é muito comum, também restrito, depende da ala (pavilhão em que encontra-se o detento) e do raio(cela). Pressupõe-se que ao utilizar dessa linguagem/códigos estejam estabelecendo comunicação e estratégias; que só interessam àquele que encontra-se sob o regime prisional.

Contudo, a questão da linguagem dos filhos do cárcere rompeu as grades do presídio, chegou às ruas, faz parte do diálogo familiar e entrou nas escolas.

Embora a escola tenha função de trabalhar as habilidades/competências voltadas à norma culta (PHILLIPE, 1999), não deve de ser ignorada, já que encontra-se no seio escolar a linguagem do cárcere.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, não era algo pronto nem fixo, as competências leitora/escritora não eram descompromissada, em que os alunos estabeleciam seus caminhos e não compartilhavam com os demais. Ao contrário, visava exploração, afim de ajudar a formar alunos conscientes, críticos e o mais importante que de desenvolver essas competências de escolha própria e não somente feitas pelo professor. O aluno deve reconhecer-se como leitor/escrito autônomo, (FREIRE, 1982) capaz de estabelecer associações com a própria vida, com outros textos e com acontecimentos passados e atuais. Propor-lhe uma reflexão e debater temas pertinentes a sua própria vida pessoa e social.

Antigamente, escola, comunidade e alunos tinham caras muito parecidas. Hoje, dada a diversidade existente, as necessidades da clientela esse panorama mudou.

Nem todos os problemas terão solução. Na verdade a escola busca resolver suas necessidades numa sociedade que também não tem resposta para muita coisa. Então, surge a questão desse trabalho – “o discurso do cárcere”. Estamos construindo uma prática coletiva e não negamos conflitos, já que o tema da pesquisa é recente e infelizmente não existe nenhum referencial teórico específico para tratar sobre a questão dessa linguagem, que por ora tratado como carcerária. Embora haja esse entrave da linguagem no cotidiano escolar com a norma culta, não se deve padronizar, estabelecer modelo imutável à *comunicação*. É preciso cuidado para evitar que os padrões se transformem em normas rígidas. Eles são meios e não são fins em si mesmos.

Na escola pública há uma preocupação excessiva com o desenvolvimento das competências escrita/leitura. Essas são testadas no mês de novembro, quando o sistema verifica as escolas estaduais através da avaliação externa, aquilo que os alunos tem ou não domínio, denominada de *Sistema Avaliação de Rendimento do Ensino de São Paulo (SARESP)*.

Durante o bimestre as escolas recebem um encarte, chamado pelo Secretário de Educação Estadual de **Currículo**. Então, nele há previsão para trabalhar-se o período de um bimestre, cujas aulas são prontas, restando para o aluno somente a execução das tarefas, cujos exercícios são os de *completar espaço*.

Além das atividades relacionadas à compreensão textual, está também a produção textual, a qual é bastante preconizada pelas “D. Es” Diretorias de Ensino; já que nelas está presente uma “*Oficina Pedagógica*”, onde os Apoios Técnicos Pedagógicos – ATPs de todas as disciplinas, *treinam* um ou dois professores de cada unidade escolar que estão ligados a essa diretoria, para multiplicarem nas suas escolas aquilo que foi *ensinado* e esses reproduzem com seus alunos em sala de aula. Contudo, o educador não deve esquecer os critérios e a maneira que deve ocorrer essa produção textual.

Nos últimos anos as avaliações externas cobraram do alunado o “*Artigo de Opinião*”, talvez por ser publicados em jornais, revistas e sites, discutem questões, é polêmico e afetam um grande número de pessoas.

Foi na *questão* controversa que é uma parte integrante desse gênero textual que o alunado se rebelou, por conta da questão estrutural e principalmente do atendimento à norma padrão. Para eles, esse gênero discursivo não passava de enganação, pois não podiam expor suas opiniões tampouco escrever à maneira que julgavam correta. Tudo estava delimitado, ali havia um formato, esses textos eram produzidos à visão de uma sociedade representada por poucos, onde estavam os seus direitos, entre outras argumentações. Exigiu muito dinamismo e paciência para tratar dessa questão, pois a linguagem ora já mencionada – “*carceriana*” não estava sendo desprezada somente “*stand by*”, já que carecia de atender à norma culta, explicar de que essa linguagem resulta também a comunicação. Sendo assim, as aulas textuais passaram ter dois momentos, como diziam nossos alunos: “*momento do texto urbano e o segundo; momento do texto da periferia*”.

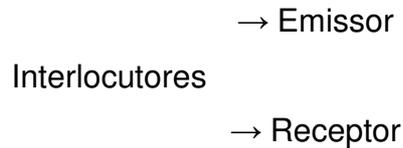
Os alunos não banalizavam esses momentos sob nenhuma hipótese. Reconheciam a necessidade de conhecerem as diversidades dos gêneros discursivos e maneiras que levavam para a comunicação.

A negociação resultou a interação de todos no *ensino-aprendizagem*.

A escola pública que busca autonomia reivindica seus direitos diante do poder público, mas também faz opções, define rumos e realiza com seriedade seu trabalho, tem a comunidade como parceira e aliada para enfrentar quaisquer tipo de embate.

## 2. CONCEITO DE LINGUAGEM

Observamos que as personagens se comunicam e interagem entre si, assumindo papéis de *Interlocutores*, no ato comunicativo. Então pressupõe-se que:



Linguagem → Interação comunicativa com a construção dos sentidos.

Assim temos que na fala, os gestos, o desenho, a pintura, o código morse, o código dos surdos, entre outros, estão presente na linguagem. Portanto, a linguagem pode ocorrer das seguintes maneiras:

- *Linguagem Verbal* → A unidade central é a palavra;
- *Linguagem não verbal* → Gestos, a imagem, a nota musical... ;
- *Linguagem Mista* → É a união das linguagens já supracitadas, digo a linguagem verbal e não verbal constituída simultaneamente onde podemos citar a Histórias em Quadrinhos (HQS) – (HELENA NEGAMINE 2000).

Os gêneros textuais ou discursivos, como qualquer manifestação verbal(seja uma conversa informal, um conto de fadas, um poema, um anúncio publicitário etc., seja linguagem oral ou escrita),forma assim entendidos primeiramente pelo pensador russo Mikhail Bakhtin, de que os textos orais ou escritos, apresentam características estáveis, ainda que quem os produza não tenha total consciência delas:” qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados , sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1996) propõem uma nova forma de organizar o conhecimento com base na interação entre educando e conhecimento. Os conteúdos devem desta forma, abranger conceitos, procedimentos e atitudes já apreendidos pelo aluno, requerendo maior autonomia deles no desenvolvimento das atividades e de seus fins.

Nessa perspectiva, a leitura e a produção de textos tornam-se mais significativas.

Numa comparação bastante singular, podemos constatar que, a linguagem verbal é mais eficaz, porque transmite a informação de maneira objetiva e completa. Na linguagem não verbal, há uma preocupação excessiva com a questão visual, econômica, pois veicula com mais rapidez, empregando desta forma o *Código*, segundo Bagno (1997):

*Código*: É uma convenção estabelecida pelos seus usuários e que só pode variar de comum acordo entre os interlocutores do discurso.

*Língua*: Quando nos comunicamos por meio de palavras, precisamos empregar a mesma língua, afim de que ocorra a comunicação. Então, para falarmos e sermos compreendidos, para interagirmos com outras pessoas, faz-se necessário o domínio de uma Língua.

Exs: 1) Os parecem dias meninos todos felizes.

2) Todos os dias meninos parecem felizes.

Logo constatamos que no exemplo 1 não foram respeitadas as leis de combinação das palavras.

Assim, na produção de um texto, o qual é exigido pelas instituições escolares, o mesmo deverá assumir representações com: o tema (assunto), o plano composicional (estrutura) e o estudo verbal (como a escolha do vocabulário a ser empregado) que caracterizam determinado gênero textual são acionados e acabam por compor um todo. Cada produção textual precisa de ter suas características e particularidades, do contrário é lixo. A escola exige que o educando desenvolva a competência discursiva, aprimore também a competência linguística, retomando e aprofundando assim toda fase da construção do saber fundamental ao sujeito, tomando como base a *palavra*, interagindo socialmente.

Os conteúdos deve ter relevância social e contribuir para o desenvolvimento intelectual do aluno. Devem dessa forma abranger simultaneamente conceitos, procedimentos e atitudes. A aprendizagem embasada na construção de conceitos. Também é necessário considerar a situação de comunicação, pensar na construção de períodos e escolha principalmente de palavras adequadas. Como se isso não bastasse, há ainda as infindáveis regras gramaticais e ortográficas. Tarefa quase incansável!

## 2.1. Variedades Linguísticas

Cada um de nós compreendemos a língua na nossa própria casa, junto à família, imitando o que ouve e desta forma apropriando-se do vocabulário e das leis combinatórias. Então, produzimos sons que se transformam em palavras, em frases e em textos.

Em contato com outras pessoas na rua, na escola, no clube, no trabalho, percebemos que, nem todo mundo fala como nós. Logo, falam diferente por serem de outro país, outra região, por fazer parte de grupos ou classe social, o que constituem as *Variedades Linguísticas*.

Todas as variedades linguísticas são adequadas; desde que haja comunicação, as quais são entendidas como: *Variedade Padrão* ou *Língua Padrão* e *Variedade não Padrão*. Então o local para se analisar a diversidade do dialeto da cidade de Iperó, tendo em vista de que aqui há uma casa de detenção.

O pesquisador escolheu como palco a Escola “Dr. Gaspar Ricardo Junior” Iperó- SP, por conta desses filhos do cárcere frequentarem-na.

Nesta instituição estão presentes, muitos dos segmentos sociais, culturais, econômicos e étnicos... Como os mais diferentes conhecimentos e convivência única desses atores na sociedade.

Se há normas para o uso da língua e com as diferenças (Co) existentes no cotidiano, surgiu a inquietação de conceituar as sentenças elaboradas por esses sujeitos em sala de aula, uma vez que a linguagem determina-se em: *\*Língua Popular, \*Língua Culta* (MICHAEL, 1979).

**Gíria:** Segundo Mattoso Câmara Jr. “... estilo literário e gíria são, em verdade, dois polos da estilística, pois gíria não é língua popular, como pensam algumas, mais apenas um estilo que se integra a língua popular.”

Observe as gírias cursivas de certas categorias:

- **Dos rappers**

- atrás da muralha: presídio;
- baú; chita: ônibus;
- bisteca: mulher bonita;
- cruaca; treta: briga;
- dar uma ripa: trabalhar;
- goma: casa;

- preso: quem está apaixonado, namorando;
- X: cela de cadeia

- **Dos carteiros**

- a lamba dói: a sacola está muito pesada;
- afundar Titanic: deixar de entregar todas as cartas;
- amarelinho: uniforme de carteiro;
- carta da penitenciária; veio de detento: carta muito enfeitada, com declarações
- estar baba: ter pouco serviço

- **Dos bikers**

- assar batatas: subir rapidamente até o topo de uma ladeira;
- atacar: pedalar mais rápido ou liderar o grupo;
- bonequeiro: ciclista que enfeita a bicicleta para exibir;
- carniça: bicicleta ruim, que não serve para corrida;
- prego: ciclista sem preparo físico;
- pocador: ciclista veloz

- **Dos internautas**

- IMU (in my opinion): na minha opinião;
- moitar: falar reservadamente com alguém; ir para a moita;
- naum, nopez: não;
- Pic (de Picture): foto;
- por fogo na moita: pedir para os internautas que saiam do bate-papo reservado;
- shimack: mandar um beijo

- **Dos gamemaníacos**

- batalha: partida;
- apelão: jogador que usa sempre o mesmo golpe para vencer o inimigo;
- telas: cenário do jogo
- tomar vareio: levar goleado no simulador de futebol

Fonte: Rárin Fusaro. Gírias de todas as tribos. São Paulo: Panda, 2001

Embora o referido seja um grande estudioso da língua, há um ponto que gostaria de explicitar, ou seja, nem todas as pessoas que se utilizam da língua popular usam gírias, porém deparamos com “**informações**” que circulam na esfera estudantil, que trazem o “**quarto**” dialeto.

Atualmente contamos com uma população de aproximadamente 25 mil habitantes, onde *um terço* é oriundo de outras cidades, cito aqui a cidade de Iperó aproximadamente a 100km de distância de São Paulo.

A economia desta cidade resumia somente à agricultura e a pecuária, até a década de 90.

Não era difícil de encontrar lavradores daquela cidade vendendo à granel os seus produtos agrícolas e outros montados a cavalos fazendo entrega de leite, batendo de porta em porta.

Os munícipes daquela cidade desconheciam a cidade grande, só sabiam da sua existência por conta dos comentários que o rádio trazia.

A tecnologia foi algo que rompeu com todas as barreiras e não se limitou em expandir-se. Então, ela chegou sem pedir licença e vem ampliando e aprimorando-se minuto a minuto.

Não tardou para que a sossegada Iperó apostasse nesse know how contemporâneo. Embora vivêssemos com essa calma, causava ao mesmo tempo tamanha insatisfação aos jovens. Esses jovens interioranos têm ânsia de experimentarem o novo, desejam encontrar os sonhos e o tempo perdido, enfim aquele trabalho hereditário que seus pais conheciam, para eles já não era o suficiente, precisavam de sair do anonimato.

Como espaço (terra) nunca foi problema para a cidade de Iperó, implantou-se um *polo* industrial nesse município. É sabido que não tínhamos mão de obra especializada, o que precisou de mudar junto com as empresas da capital; sujeitos que conheciam o sistema e o organismo operacional da empresa que ali se instalariam.

A indústria passou a ganhar espaço na cidade e a cultura anterior a ela, sofreu uma diminuição.

É preciso salientar que com o decréscimo da agricultura/pecuária, houve um grande salto para a educação. Jovens daquela cidade procuraram cursos técnicos e superiores para atenderem a demanda, se não à indústria, para a

agricultura/pecuária. Cabe aqui citar de que a especialização de mão de obra fica aproximadamente de 60 à 100 km para aquisição desse conhecimento.

Embora contemos com 12 escolas municipais, as quais ministram o ensino fundamental, com aproximadamente 5000 alunos e duas escolas estaduais responsáveis pelo ensino médio e EJA (educação de jovens e adultos) com aproximadamente 1500 alunos. Ainda assim somos segregados do educação superior em nosso município, com isso temos a consequência da migração de pessoas para a cidade grande, as quais possuem centro universitário. Contudo a cidade vem crescendo assustadoramente e juntamente o comércio; merecendo destaque dessa movimentação principalmente aos finais de semana.

Após a implantação das indústrias nessa cidade, aproximadamente na década de 90, foi cedido também um espaço para a construção de um presídio. Nele havia detentos das mais diferentes localidades e estados. Como as visitas eram aos finais de semana, os parentes desses reclusos da sociedade estavam constantemente na cidade e pulsando a economia da pacata cidade.

Convém ressaltar que a doação foi feita pelo prefeito da cidade, acreditando que este traria trabalho aos munícipes.

Há famílias da capital, centro-oeste, norte e nordeste do país, já que lá pode-se contar com mais ou menos 1200 detentos. Muitas dessas famílias preferem levar almoço quando visitam os seus parentes, o que precisou de alugarem casas para se hospedarem e cuidarem da alimentação dos parentes detentos.

Como consequência dessa curta estadia das famílias, os aluguéis sofreram um acréscimo considerável. Aqueles que possuíam terrenos, visando lucros construíram “edículas” para serem alugadas a essas famílias, que visitam o cárcere aos finais de semana.

Não tardou para que essas pessoas percebessem que estavam sendo exploradas, já que permaneciam naquelas casas quatro finais de semana e cobravam lhes o mês fechado.

Para estarem próximos de seu ente querido, economizar e diminuir cansaço, fixaram residência. Juntamente com essas mães vieram morar os filhos, onde cada uma delas tinham em média de três a quatro filhos, com idade de 7 a 15 anos, ampliando sob maneira a população escolar, tanto as municipais quanto as estaduais.

Convém ressaltar, que parte de nossos discentes têm o seu pai recluso e semanalmente, esses, passam o dia em visita ao *Cárcere*. Quando retornam à escola nos dias úteis, constatamos que empregam nos seus discursos termos/expressões que não a conhecemos tampouco fazem parte das linguagens pré-determinadas; ocasionando desta forma curiosidade entre seus pares como nos professores e funcionários em geral.

Então, cabe-nos enquanto educadores reconhecermos que sob hipótese alguma podemos ignorar ou negar que a realidade desses alunos considerados “sem problemas carcerários”, seja igual daqueles filhos de detentos. Esses estigmatizados como: meninos e/ou meninas com “**trejeitos malandrosos**”, possuem características muito próprias, diferenciadas de qualquer grupo de alunos.

Ainda que diferentes, não cabe-nos apartar de determinados materiais didáticos, embora desconhecidos por esses. Paulo Freire, (1983) repudia a questão de metodologia específica para um determinado grupo, inclusive com aqueles denominados de didáticos próprios.

Afirma o autor que ao fazermos isso estaríamos discriminando esse aluno por duas vezes, negando-lhe o acesso a informação/formação as quais de todos é de direito.

Noto uma problemática que não devo deixar de mencionar; “diz respeito as expectativas e até por que não ser mais claro, aos objetivos da escola.”

Pelo fato de uma parte desses alunos(as) frequentarem o cárcere e conhecerem o sistema prisional, acabam comparando a escola com essa instituição; por haver demasiada preocupação dos professores(as) com pareceres sobre o aluno(a), por serem vigiados pelos inspetores, se cometerem “faltas” serão punidos, com o tempo todo preenchido da hora que entram até a hora de saírem do colégio, acabam fatigando-se da escola, ocorrendo muitas vezes a evasão escolar, por conta de não adequarem-se às normas da escola.

Outra questão que propicia a rotatividade na escola é a transferência constante que ocorre nos presídios, por razões de segurança e disciplina ou mesmo respondendo a ordem de direitos concedidos semiabertos, por exemplo onde três dias trabalhados tem se descontado um dia da pena .

A escola deve ser um espaço de produção de conhecimentos, de estudo de aquisição de vínculos, relações éticas, de questionamentos, de participação. No entanto, parece reproduzir o sistema prisional, conforme Foucault, (1986) menciona:

"técnica penitenciária". Então, o homem é um ser social, histórico, cultural, capaz de transformar-se a partir de sua relação com o mundo e com outros homens. Embora seja determinado pelas regras sociais é também capaz de transformá-las. Nesse sentido todo sujeito no decorrer de sua vida, mesmo antes e fora do processo de escolarização, desenvolve conhecimentos próprios e recursos simbólicos que devem ser considerados e respeitados. Contudo, com o cuidado de não dogmatizar, seja a teoria, seja a realidade.

### 3. AS DIFERENÇAS DE CADA DIA NO UNIVERSO ESCOLAR

Penso que a Educação seja bastante peculiar a sociedade; haja vista que a mesma tem o dever de reunir e difundir conhecimentos entre as questões que referem à **Educação**.

É nesse prisma que evidencia as diferenças no Cotidiano Escolar, bem como a maneira de acolher as chamadas “**Disparidades Padrão**” que os jovens trazem para dentro dela. Considerando as desigualdades sociais, culturais de gênero, de orientação sexual, de religiões, de credo, etc., caracterizam a experiência desses educandos distintamente, inclusive pela ampla variação de situação a que são submetidos, em função dos recortes étnicos.

Ao mencionar disparidade, tem-se a intenção de relatar a construção dos gêneros discursivos (oral/escrito) elaborados pelos meninos(as), *filhos do cárcere*.

Segundo Bakhtin, (1992), todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tenhamos ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes *tipos* ou *gêneros textuais*, que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo (procedimentos recorrentes de linguagem).

A escolha do gênero não é completamente espontânea, pois leva em conta um conjunto de parâmetros essenciais, como *quem está falando, para quem está falando, com que finalidade e qual é o assunto do texto*. Por exemplo, ao desejarmos contar como ocorreu um conjunto de fatos, reais ou fictícios, fazemos uso de um *texto narrativo*; para instruímos alguém sobre como fazer alguma coisa (por exemplo, fazer um bolo, montar uma mesa, jogar determinado jogo, etc.), fazemos uso de um *texto instrumental*; para convencer alguém de nossas ideias, fazemos uso de *textos argumentativos*, e assim por diante.

As diferentes linhas de pesquisa linguística de orientação “bachtiniana” tem demonstrado que a atuação dos professores de língua portuguesa nos ensinamentos fundamental e médio, quando feita pela perspectiva dos gêneros, não só amplia, diversifica e enriquece a capacidade dos alunos de produzir textos orais e escritos, mas também aprimora sua capacidade de *recepção*, isto é, de leitura/audição, compreensão e interpretação dos textos.

Nesse caso específico: ao analisar os *discursos*, como a escola pode agregar de forma positiva os jovens que convivem com (ex) detentos que tem uma

“**linguagem própria**”, que à priori denominaremos a “**Linguagem Carcerária**” e sua inclusão/reclusão no **Cotidiano Escolar** nos segmentos da Educação Básica, digo, da fase pré-escolar ao ensino Médio?

Ressalto que ao trazer essa linguagem para um reflexão, não estou fazendo apologia ao erro/insucesso como forma ou maneira de desenvolvimento, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, porque desta forma os alunos não precisariam de frequentarem a escola. Na verdade, o uso da linguagem informal não se deve acrescer o castigo. Ocorrendo esse emprego, aprendamos a retirar dela os mais significativos benefícios. Ela deverá ser considerada como percalços de travessia, com a qual podemos positivamente aprender a evoluir e aplicar a norma culta e o padrão, elementos que a escola/sociedade preconiza.

Assume-se que a metodologia que busca construir não seja circunstancial, na qual os objetivos não passariam de um tema entre outros, cuja propensão levaria a hegemonia, o que procura-se aqui é centrar o conhecimento.

Constata-se que este princípio esta claramente inscrito na prática pedagógica. Não é uma opção: se é certo que a escola cabe ensinar; mas construir através dos princípios: autonomia, dialogicidade, individualidade, cooperação a cima de tudo o respeito.

Com a tecnologia ganhando imensurável espaço no mercado capital, não tardou para as culturas supracitadas, fossem cedendo espaço para a industrialização e com ela a mão-de-obra qualificada.

Ali, surgiu uma empresa e que trouxe consigo funcionários capacitados para operarem suas máquinas, que por sua vez trouxeram suas famílias, que matricularam seus filhos na escola e com essa instituição é um palco para todos os tipos de atores, os Educadores perceberam que havia um embricamento no tocante à **linguagem pré-estabelecidas com essa “outra”**; que vem ganhando força gradativamente nas escolas, círculos de amizade, clubes que à priore cristalizadas na *Sociedade*.

Com isso a escola; assim como os seus educandos só obterá vantagens, no tocante a ampliação de vocabulário, na interpretação textual e principalmente no confronto de realidades. Assim o alunado passará a agregar conhecimentos externos ao escolar, mais precisamente do **cotidiano escolar**, respeitando o batalhão de diferenças ali existentes. É preciso salientar de que a expressão/termo *igual* está longe de acontecer, no entanto é necessário que desenvolvamos a

*tolerância* gradativamente em todos os sentidos e nos mais variados significados, cabendo aqui um adendo, de que é preciso separar o local e momento de quando e como usar esse *dialeto*, ora denominado de “*linguagem dos filhos do cárcere*”.

Será que poderíamos usar essa linguagem em outras esferas, tais como: Tribunais, Universidades e Faculdades, entre outras? Que conceito atribuiriam aos sujeitos portadores dessa linguagem?

### 3.1. O Discurso do Rap

Embora seja um discurso desprezado por muitos, principalmente daqueles que não residem na periferia, é preciso que tenhamos um olhar apreciativo para esse tema que vem crescendo e tem como objetivo contextualizar as diferenças existentes entre: “**Subúrbio x Centro**”.

Cantores de raps retratam em muitas de suas músicas de que a periferia tem-se uma vida com poucos privilégios e o futuro é aquém, refletindo sob maneira na vida dos “*filhos dos cárceres*”.

Com o intuito de provocar a sala, analisamos partes do rap: “**Tô ouvindo alguém me chamar**”- dos Racionais Mc’s.

Ao deparar com a letra, os alunos notaram de que a linguagem ali presente, muitas delas faziam partes dos discursos de seus amigos, os quais tinham um ente querido na *casa de detenção*.

... mas sem essa de sermão, mano,  
Eu também quero ser assim.  
Vida de ladrão não tão ruim.  
Pensei, entrei no outro assalto.  
Eu coleí e pronto.  
Aí o Guina deu mó ponto...

Notamos que toda trajetória é a de contar a vida de dois irmãos, um de um, opta pelo crime e outro continua estudando, conseguindo uma carreira de bacharel.

Essa mensagem de flash Bach que a canção nos reporta; não teria valor em outro momento, se não conhecêssemos o discurso “**externo**”, ou seja, daquele que não vive a questão da linguagem do rap, concomitante com a do cárcere. Essa legitimidade de termos/ expressões detectadas no rap, assim como nos discursos carcerários, ocasionou a identificação daquele grupo de alunos, que desconheciam a origem das palavras ainda que fizessem parte das poesias do rap ouvido por eles.

Então, resolveu com um grupo de aluno, pesquisar as expressões/ termos mais usados em nosso “**cotidiano escolar**”; que denominamos de *glossário dos filhos do cárcere*; e acreditamos à priori estarem cristalizados, por conta da forma que vem sendo agregado aos diferentes níveis da sociedade.

### GLOSSÁRIO DOS FILHOS DO CÁRCERE

<b>Gíria</b>	<b>Significado</b>
Água suja	Café de cadeia
Bacana	Ponta de cigarro de maconha
Bailarina	Vassoura
Bandeco	Bóia, alimentação, marmitex
Bangalô	Prateleira rústica feita de cola
Barraca	Lugar onde os presos “tiram” visita com as mulheres onde tem relações sexuais
Bembolado	Mistura de idéias
Bicho	Faca, estilete
Boi	Banheiro
Bola d'água	Laranja
Bolinho	“uma turma”
Bonde	Transferência de preso para outra cadeia
“Bura”	Lugar onde cada preso dorme
Bute	Tênis
Canela Seca	Armas (38)
Carne de Joelho	Uma pessoa ruim
Catatau	Bilhete
Cherepe	Café da manhã

Chicote estralar	Quando há represálias
Cliaca	Detentos que sofrem abusos sexuais
Copa	Dispensa (guarda alimentação)
Cumbuca	Tapaware
Cumbuca	Vasilha plástica
Dar a deixa	Errar
Derby- Branco	Droga: Farinha (Cocaína) ou Pedra (Crack)
Derby- Vermelho	Maconha ou “fuminho”
Desandou	Quando algo foge do controle
Dragão	Fogão
Farol	Lâmpada
Ferolho	Fechadura na porta da Grade
Gaiada	Cama
Gaida	Uma caixa de papelão colada na parede para guardar seus pertences
Gáis	Refrigerante
Gancho	Calça
Ganso	Alcagüete, dedo- duro
Ganso	Pessoa que joga com a polícia
Gega	Cama de Cadeia
Jacaré	Serra, utilizado para serrar grade
Jaco	Blusa ou jaqueta
Jumbo	Entrega de sacola para os presos(alimentação)

Lagarto	Uma pessoa que fica comandada por outro
Lupa	“raibã”, óculos de sol/óculos
Macaca	Banana
Mano	Companheiro, parceiro, amigo
Marica	Cachimbo para fumar droga
Marica	Recipiente para fumar toda maconha qdo não se consegue segurar com as mãos
Maroco	Pão filãozinho
Marroquinho	Pãezinhos
Mato	Maconha
Matraca	Para fazer buraco no teto
Moca	Café
Mosca de boi	Uma pessoa boba
Nó no sapato	Cometer suicídio
Parlatório	Lugar onde o advogado conversa com os clientes
“Passa a tela”	Colocar o espelho na grade para ver se o Carcereiro está vindo
“passar um pano”	Ver se está tudo “OK”, se está tudo bem.
Pátio	Lugar onde os presos tomam sol ou jogam bola
Pé de pato	Pessoa que mata ladrão
Pé de porco	Polícia Militar
Perereca ou menina	Resistência de chuveiro com dois fios para ferver a água
PH	Papel higiênico
Picadão	Carne cortada ao molho

Picuá	Toucha com roupas
Pipa	Carta
Pirulito	Ferro da “Grada”
Polvor	Cocaína
“Pufe”	Colchão enrolado no meio para a visita sentar
Ralar o Boi	Esfregar o banheiro com pedra para sair o limo
Ramelão	Pessoa que faz algo errado
Rodoviária	Lugar onde os primários dormem
Rozera(Roseira)	Porta ou grade de entrada
Salão	O meio do Xadrez
Sangue Bom	Uma pessoa que é (bem) considerada na cadeia
Sangue de boi	Cigarro Hollywood
Sapo	Cadeado
Seguro	Lugar onde a pessoa que tem inimigo na cadeia fica isolada
Sete letras	Cigarro
Tá cruel	Quando não se tem algo
Tatu	Buraco para fugir
Tela	Televisão
Tereza	Corde trançada para escalar muro
Tia	Papel Higiênico trançado para tirar mau cheiro no banheiro quando estiver fazendo necessidade
Torar	Transar
Truta	Parceiro, amigo, mano

Truta	Amigo
Veneninho	Pacotinho de suco
Ventana	Janela
Virou o bagulho	Rebelião(subversão)
Zica	Coceira braba
Ziquizira	Azarado
Zoião	Ovo frito

Para muitos, o jovem que ouve músicas desse gênero, denominado de **rap**, é estigmatizado como revolucionário, estar na contramão da sociedade. Na verdade, esquece-se de que 1980 foi o ano precursor da reabertura para a democracia. A ideia do jovem delinqüente ficou no passado. Contudo, a linguagem presente nessas canções não condiz com a norma culta, embora cause para uns deleite, para outros inquietações. Mas o mundo mudou nas últimas décadas. A cultura de consumo ampliou-se. Mas continuou se cobrando dos jovens que fossem revolucionários, como se estivesse nas mãos destes a responsabilidades de modificar/transformar o mundo.

Precisamos de reinventar a questão de sociedade, inserir essa juventude ávida de participação em espaço democrático e menos refratário à condição marginalizada.

A discriminação de geração é um ponto complexo da desses nossos alunos.

Observa-se que próximo aos seus semelhantes deixam emergir e dizer o que se pensa, porém frente a alguns educadores, retraem-se.

É preciso compreender de que nem sempre a palavra é o meio pelo qual esses alunos se sentem à vontade para comunicarem-se ou expressarem sua opinião.

Quando pede-se a esse alunado, *“filhos do cárcere”* uma produção textual, é comum as reclamações ,os questionamentos do porquê, qual a finalidade, etc...

Merece aqui citar as observações comuns proferidas pelos alunos, quando solicitados a desenvolverem a competência escritora: *“-professores falam que bons textos são aqueles que não se usa a primeira palavra, mas aquela que cabe na situação..., - use uma metáfora para explicar-se..., etc”*.

O que pretende-se demonstrar não é a descaracterização da *língua padrão*, não queremos sedimentar através do rap as pessoas que têm cultura; mas trazer para a nossa realidade e chamar atenção para as questões das regiões e das periferias denominadas de pobres. Sob esse ponto de vista, esse tipo de música muito contribui para os processos de letramento, ressaltando que aquilo previsto nas gramáticas normativas, os rappers não se inclui a esse padrão.

Então, creio que utilizamos a língua não só para transmitir as nossas ideias, mas um conjunto de informações sobre nós mesmos. Logo as palavras e as construções dialogáveis que empregamos no cotidiano acabam por “**denunciar**” quem somos socialmente; por exemplo: em que região do país nascemos, qual o nosso nível social e escolar, nossa formação e às vezes nossos valores, círculo de amizades, etc. Assim a língua é um poderoso instrumento de **ação social**. Por conta disso, ela pode tanto facilitar o nosso relacionamento, como dificultar com as pessoas e a sociedade em geral.

Penso que o uso eminente dessa linguagem nos presídios seja por conta de buscarem a autonomia, criando uma linguagem que lhes é própria e desta forma estabelece a comunicação entre os pares.

No início desta pesquisa, percebeu-se a dificuldade da inserção do educador nesse universo. Entendo que sem o estabelecimento de um vínculo de confiança, essa inserção jamais se daria. Então, construiu-se, sem quebrar, porém, os vínculos de papéis- professor e aluno.

Não se trata de adaptações ou experiências mais ou menos bem sucedidas; antes de tudo, é uma construção, fruto da reflexão de todos os envolvidos nessa tarefa de educar.

Desencadeou o processo ensino-aprendizagem pelo princípio de que o educando é sujeito ativo na construção do conhecimento, por mais que seus discursos fujam da norma padrão, possibilitar a elaboração de hipóteses, resoluções e críticas, enfim atender essa autonomia dentro e fora da sala de aula. Desta forma as regras vão deixando de ser pontuais e começam a generalizar-se, indicado a possibilidade, ainda que dentro de condições bastante adversas.

Tomando as terminologias como meio e não como fim, cabe-nos enquanto professor e ao aluno mais a observação e a análise dos recursos que estão à disposição do usuário da língua, bem como das coerções que esses recursos implicam, como meio de apropriá-los em suas práticas discursivas.

O estudo na escola vive, hoje, um período de transição. Talvez, neste momento o mais importante seja estar aberto a outras dimensões da língua, como o texto e o discurso, sem que, para isso, seja necessário por abaixo tudo o que a tradição gramatical construiu.

#### 4. DA AUTORIDADE DAS PALAVRAS

Sabe-se que não utilizamos a língua somente para transmitir as nossas ideias, mas tem a função de informar sobre nós mesmos.

Em conversa com os alunos do 1º ano do ensino médio, aproximadamente 80 alunos, da rede estadual no município de Iperó, pude constatar o quanto os meninos, filhos dos (ex) ou detentos gozam de plena harmonia daquela instituição. São sujeitos participativos em todos os eventos realizados pela entidade. No entanto, convém ressaltar que demonstram-se líderes nos grupos, os quais se inserem.

Cabe aqui esclarecer que há um número considerável de aluno que tem seu familiar com problema prisional o que não afetam- os emocionalmente. Demonstram- se eficazes, solícitos e bastante solidários para com a Unidade de Ensino, bem como, para a Comunidade.

Esses sujeitos trazem consigo o espírito da liderança frente ao colegiado. Nota- se que as tomadas de decisões e soluções advêm dos mesmos frente a uma situação.

Observei que ao depararem com um suposto problema, esses sujeitos buscam mecanismos imediatos para a possível resolução da tarefa que lhes foram dadas.

Determinadas expressões desses nossos educandos, ganham força na sala de aula. Logo, há uma infinidade de “*Vocábulos do Cárcere*” (**rótulos ou nominalizações**) que podem ser resumidos em um único adjetivo. Ex.: “mano...,brother...,chegado...,véio...,meu...,mano...,truta....” = pessoa/amigo.

Decorre que quando não mencionam tais “rótulos”, referem- se ao outro pelo pronome **ele**. Segundo *Sírio Possenti, (1993)*, quando instaura- se o referente no discurso através dessa classe gramatical, conceitua- se como “**pronominalização**”. Ex.: Carlos encontrou uma bela namorada, alta e loura, deu a **ela** o apelido de boneca. Todos os dias **ela** escreve cartas. Para **ela** Carlos só tem elogios.

Por conta disso, discursos elaborados dessa estirpe naquela escola vêm ganhando força logo nessa instituição não se é possível distinguir quem tem relações diretas como o *Cárcere*. Sendo assim, com esse embricamento, acaba por si propiciando em sala de aula uma discussão, um debate, o qual muito contribui para com a formação de nossos educandos.

Cabe aqui ressaltar que convivemos com estes discursos no *Cotidiano Escolar*. Portanto há o *Gênero Discursivo Escolar*, o qual precisa de conhecimento técnico para sua produção, com regras, explicações, instruções, etc., onde faz-se necessário sua existência assim como a manutenção oficial da escola. De outro lado, temos a necessidade de se criar outro, cujo objetivo é o de desenvolver tão somente a competência e a habilidade leitora e escritora. Logo, construímos as narrativas, as descrições, dentre outros. Porém nada fica estanque, a uma sequência textual. Como enfatizam os Parâmetros Curriculares Nacionais – pressupõe contribuições muito significativas no tocante à *produção textual escolar*.

Assim narramos e crescemos afirmando o que temos de mais pessoal e contemporâneo e acolhendo os saberes milenares. Para nós educadores, a perspectiva da *oralidade/escrita* está no eixo educacional e deveria na verdade, permear todo o trabalho pedagógico. Entretanto, observamos, uma tendência em restringir as competências *oral/escrita*, cavando abismo entre todos os segmentos educacionais. Com isto, perdemos todos nós, educadores e educandos. Sob esse ponto de vista, é importante revistar, ressignificar a *palavra*. Não de qualquer forma, de qualquer maneira, mas de um jeito substancial. A palavra é chave mestra da *Educação*. Então surge na contramão a *linguagem e a escrita do cárcere* em sala de aula, transformando um “*ringue*” de saberes dos termos/expressões conhecidas e praticadas pelos denominados *alunos filhos do cárcere*.

Nesse contexto evidencia a questão do mais forte, refiro-me aquele que tem maior número de termos expressões “denominadas” do cárcere. Desta forma o seu portador acaba conquistando e ou ganhando autoridade frente aos pares; principalmente daquele que possui pouca ou não faz uso dessa linguagem.

Nota-se que o educador de maneira muito flexível tem aportado os alunos a uma redução das desigualdades seja na questão social, econômica, cultural, política e principalmente a da pesquisa – *a linguagem*.

Ao citar as relações (pré) estabelecidas a partir das diferenças, não pensou na questão de reduzir o outro seqüestrar suas possibilidades de inserção, mais observar com a devida atenção as diversas formas de manifestação do sujeito em seus discursos.

No entanto apesar dessa notável diversidade da *Língua* nesse processo é ter em conta o desempenho dos nossos educandos como personagens falantes no processo ensino/ aprendizagem já que investiga-se os fatos relevantes de ordem

socioeconômica e de natureza lingüística elementos que favoreçam a interferência cuja exclusividade é a linguagem do cárcere no *Cotidiano Escolar*.

Então naquela unidade de ensino, os professores têm buscado compreensão da inserção dessas novas palavras aglutinando à **Proposta Curricular SEE/SP**, no que diz respeito ao: Léxico (No vocabulário) Semântico (No sentido da palavra) Prosódico (na pronúncia). Então, os sujeitos praticantes dessa linguagem não são descartados na sala de aula; utilizamos nas como mais uma ferramenta no *ensino aprendizagem*.

É notório que o falante/ ouvinte espere um texto pronto, ou seja, marcado por sentidos com a finalidade de contextualizá-lo e a partir daí formar uma representação coerente. No entanto, nem sempre digo, no *Cotidiano Escolar* ocorra nessa unidade. Entretanto, os sujeitos instauram referentes novos em seus discursos a qualquer momento, ora (re) ativa aqueles que estavam *Stand By*.

Usa o falar em **processamento estratégico**, isso quer dizer que para a compreensão dessa língua o indivíduo precisa ter um conhecimento prévio.

Desta forma caracterizamos o que Bakhtin (1992) escreve:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variados que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobre tudo por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1992, p.89)

Então para Bakhtin, a concepção de gêneros discursivos, não é estática. Eles podem sofrer mudanças, depende exclusivamente do sujeito e a maneira que ele deseja elaborar a sua “*sentença / comando*” verbal os quais guiam e agem a unidade básica que é o meio – fim.

Os diferentes Níveis da linguagem devem de ser considerados o lugar e os papéis dos seus praticantes, inserindo- o no contexto escolar e adaptando as regras particulares e então, cada sujeito adquire o seu estilo e (pré) disposto as sucessíveis transformações.

A escola acredita que há uma relação muito próxima da linguagem externa com a do se interior. Precisa- se de retirar essa cortina, pois, sua preocupação é de satisfazer a sociedade predominante, usando a verticalidade.

Nessa instituição o que vimos é o resultado de uma comunicação livre sem preconceitos e acima de tudo a manutenção da unidade, que estabelece a linguagem. Assim, essa fala desprende-se das práticas sociais, das regras; preconizando o real, o pensamento, o entorno físico através da *interação*. Observe o quanto a instituição escolar está ligada aos dogmas gramaticais e acredita piamente que só poderá ocorrer **Comunicação**, se o falante/ ouvinte/ leitor conhecê-los. Contudo, para essa pesquisa; a questão da linguagem do cárcere é algo que precisa de ser revista os modos de uso, o lugar, o estatuto da palavra na escola, é condição, portanto, que se impõe a todos os educadores e cidadãos envolvidos com a educação significativa, capaz de mobilizar e promover forças criativas necessárias e indispensáveis a nosso estar no mundo.

“**Educação**”- por a escola não acreditar que “*a linguagem carceriana*” seja um embate social, aponta- a como uma falha pedagógica. É preciso que olhemos com cuidado os nossos frequentadores, os nossos autores, para construção efetiva de uma proposta de ensino significativo e não a conservação dessa injusta, a qual visa a manutenção do poder a de uma hegemonia. É preciso difundir de que a *norma culta* ensinada pela escola é só apenas uma possibilidade de construir o discurso, dentre outras existentes, como a questão da linguagem popular, gírias e a propriamente pesquisada – a linguagem do cárcere. Pois, como afirma Soares:

Letramento é também um contínuo, mas um contínuo não linear, multidimensional, ilimitado, englobando múltiplas práticas com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionadas por e dependentes de múltiplas situações e múltiplos contextos, em que, consequentemente, são múltiplas e muito variadas as habilidades, conhecimentos, atitudes de leitura e de escrita demandadas, não havendo gradação nem progressão que permita fixar um critério objetivo para que se determine que ponto, no contínuo, separa letrados de iletrados (SOARES, 2003, p.95)

Podemos dizer que o avanço tecnológico é de fundamental importância para o ser humano, mas enquanto ele for usado como fonte de poder e a exclusão social, sua magnitude inexistirá. Diante desta mudança, a questão da educação, no que diz respeito à formação, tem-se constituído em uma problemática, no aspecto da função social, pois, a escola deve propiciar ao indivíduo condições para que sua vida não se resume em garantia de sobrevivência, mas na sua amplitude.

A escola tem inúmeros papéis na formação dos sujeitos, das principais funções é dar continuidade na educação de regras iniciadas pela família, apesar da

dificuldade de adesão do entorno; estabelecer pontes entre: *quem eu sou; o que a sociedade espera de mim; promover o conhecimento contínuo*; ou seja; deve-se incentivar os indivíduos a estar sempre em busca de novos saberes, para que possa crescer intelectualmente e socialmente. Contudo, atualmente é difícil relacionar e considerar a bagagem que o aluno traz ao ingressar na escola e toda aquela que vai constituindo no decorrer de sua escolaridade, este pode ser outro grande empecilho para o bom desempenho do educador, por desconhecer e/ou valorizar a relação dialógica com os educandos e outros educadores.

No discurso da escolaridade muitos alunos se vem obrigados a frequentar a escola e saindo dela sem saber muita coisa ou ter adquirido o conhecimento devido, pois sentem-se excluídos, suas experiências não foram valorizadas pela escola.

## 5. LINGUAGEM

### 5.1. A Medida da linguagem

Há uma espécie de intuição por parte de algum professor mais inquieto de que a superação dessa dicotomia concorre para desenvolver a riqueza de possibilidades do dizer como “predicar, formar e apresentar, pelo discurso um ponto de vista” (BOSI, 1987).

Tem-se a impressão de que ensinar a língua materna a alguém que a conhece, é ser literalmente redundante em todo cotidiano.

Precisa haver um consenso, não se pretende banalizar a norma culta, a linguagem acadêmica, mas criar uma contrapartida que valorize o processo dos nossos falantes/ ouvintes leitores como (inter) locutores e percebidos enquanto sujeitos no Cotidiano Escolar e no âmbito da sociedade.

Não creio que haja medida para soluções dos eventuais problemas supracitados, nem que pode ser constatada na prática do professor, mais que para ocorrência do discurso, da linguagem da comunicação, não seja específico a regra. Sob um olhar vertical, os portadores desse discurso. *Cárcere* irá desaparecer ou prosternar-se frente à concepção dominante.

Nesse prisma poderíamos acordar Merleau-Ponty (1999), que a concebe como corpo do pensamento ou espírito encarnado. Para ele, não há um texto prévio que a linguagem traduza, mais sentidos se produzindo no corpo da linguagem; opondo-se ao idealismo cartesiano.

É nessa linguagem originária que podemos perceber, além de uma significação conceitual das palavras, uma significação existencial, que não se traduz somente pela palavra, mais que caracteriza o sujeito que dela faz uso. Não se pretender adequá-lo a uma sociedade burguesa dentro dessa escola excludente, porém inseri-lo como ser ativo no social, escolar etc.

Nessa sequência os sujeitos deixarão de serem alienados; uma ruptura com o tradicional.

No que diz respeito as práticas pedagógicas, deveriam de ser entendidos como; o sujeito em busca de transformação e colocar em prática essa tão

expressão- **pluralidade** dos nossos alunos que é discurso de grandes estudiosos nas análises da retórica.

Quando a instituição escolar tiver como foco essa questão concatenar a *linguagem culta* ao *Cotidiano Escolar* ela poderá afirmar que ali construiu-se e desenvolveu-se a **Comunicação** sem que houvesse bloqueios, apontamentos ou distensão, ali houve a livre expressão verbal.

A política escolar é a desenvolver nos educandos a singularidade e reproduz a estereotipização. Com esse conceito, incapacita-os de construir o que lhe é próprio. Sistematizar o ensino da língua materna é precaver, marcar a condição desse sujeito. Deve-se constituir nele como sujeito e inalterável do seu próprio discurso.

Os estereótipos impossibilitam o seu crescer, não permite a apropriação dos demais códigos sociais, negam-lhes a identidade que lhes conferem. Assim poderá despertar situações conflitantes com sua própria identidade social; já que nela oferecem os discursos explicativos já (re) formulados por quem acredita que a educação se dá de maneira linear. Categoriza o certo do errado, o culto do popular, cujo destaque é a regra, o padrão, o formal.

A escola deve ser o cerne na produção dos conhecimentos sobre maneira, na sua completude amplitude que não a reprodução dos dominantes e para poucos.

## 5.2. Norma Culta x Desvios Padrão

Somos chamados constantemente ora pela *Proposta Curricular*, ora pelo *especialista- Coordenado Pedagógicos* para que criemos *práticas* consistentes, ou seja, aquela que funcione naquilo que se diz respeito aos discursos dos nossos alunos, bem como o desenvolver da competência escritora “de acordo”.

Se continuarmos com essa premissa de que o aprendizado da língua se dá somente no interior da instituição escolar, estaremos negando todos os segmentos que compõem a sociedade.

Cabe aqui a colocação de que a escola no seu *Cotidiano Escolar* legitima a norma culta e se por outro lado tentar a inserção de outra, é desvio político e pedagógico. Desta forma fortaleceu o dominante, negando a identidade do próximo-dominado.

Numa perspectiva *interdisciplinar* exigir dos alunos tão somente a norma culta, é oferecer- lhes a educação bancária e fragmentada, cuja doutrina desgastada aos olhos de Paulo Freire e acima de tudo, preconceituosa.

Muitos dos educadores julgam o aparecimento de qualquer que seja a ordem ou surgimento das palavras novas intitulam- as como *desvios padrão* Bakhtin (1992).

Na verdade o uso constante de regras na linguagem reforça a classe dominante e desaparece com a falante/ouvinte, que nessa pesquisa pretende se mostrar; já que, na sua maioria são oriundos de lugares menos favorecidos ou filhos de pais que se encontram no *cárcere*.

No entanto, o que se pretende demonstrar através desta pesquisa não é o de subtrair, ridicularizar a norma padrão das instituições escolares. Também não se pretende aqui instaurar uma discussão abrangente às questões relativas e específicas á *lingüística*, mas de garantir aos falantes/ ouvintes a legitimidade de freqüência, permanência nas escolas.

Acredita- se que falar de linguagem é perigoso e requer habilidade, pois é algo complexo e acima de tudo, muito particular. Ao subjugar-mos esse grau seremos literalmente preconceituoso.

Enquanto a escola reforça a concepção dos dominantes, continuar reprovando os portadores de supostos desvios na linguagem, estará fazendo aquilo que a sociedade já os fez e por conta disso o inchaço em cursos do *EJA- Educação de Jovens e Adultos* e a evidência da instituição e do educador com o fracasso.

Retomando a questão da complexidade da linguagem, há muitos estudiosos que tratam dessa problemática, analisam e comparam- a, no tocante à padrão regional, popular, etc.

No entanto, uma análise de maneira muito sucinta, é de que cada sujeito usuário dos diferentes dialetos perpassam por um certo valor, cuja sociedade é que lhes atribui.

Medir a **competência/habilidade** do aluno enquanto sujeito falante/ escritor seria muito vago. Não se pode afirmar que as instituições escolares reconheçam esses valores, procuram anuir a questão dos discursos formais.

Nota-se também que quando chamados para atentarem à norma culta, as meninas até (re) conhecem como instrumento de aprimoramento vocabular, já os meninos ignoram, já que a regra é um marco feminino e a **língua portuguesa** por si é masculina.

Penso que o ideal seria que a escola tivesse padrão de língua e autonomia para construção de textos e na oralidade, que não adotasse medidas (pré) estabelecidas aos moldes da classe dominante.

### 5.2.1. Exercícios Aprendizagem/ Complementares

Não se ensina ou verifica ensino- aprendizagem através de listas homéricas de exercícios; mas com conceitos de práticas criativas, significativas e acima de tudo, contextualizadas.

Os alunos em seus lares não executam exercícios, sejam orais ou práticos de maneira fragmentada. Nunca ao aprenderem a andar, seus genitores solicitam para que dêem dois passos à direita, um para trás e assim, sucessivamente.

Em se tratando da linguagem, eles não solicitam para os filhos completarem frases, não dão exercícios de fixação, enfim, entre tantos outros porém a instituição escolar tem objetivo de reforçar e avaliar os educandos através de seus erros e não numa perspectiva horizontal e linear. Os discursos feitos pelos educadores são vazios e mecânicos- “*Não tem pré-requisitos*” e afirma trabalharem a interdisciplinaridade.

Daí surge um entrave, o de como os alunos aprendem e apreendem os conceitos básicos vitais ao homem? De certo que atentam- se aos líderes e esses os corrigem, porém de maneira que reflita a construção do conhecimento. Retornando as instituições escolares, e de maneira geral a sociedade, àqueles que não se adequam as regras dos dominantes são reprovados e humilhados.

São omissas à questão da linguagem dos sujeitos. **Paulo Freire (1982)** afirma que o processo de ensino/ aprendizagem se dá ao “focar a realidade do aluno”, ou sobre o construtivismo- a necessidade de “levantar o conhecimento prévio” dos alunos no ***Cotidiano Escolar***.

Desta forma rever a **Proposta Curricular**, e nela adequar aquilo que realmente é necessário e faltaria para os alunos atingirem àquela determinada série/ ano, e não conteúdos e conceitos distantes e inaplicáveis para cumprir um programa que visa a manutenção do dominante por não haver um foco claro no ensino/ aprendizagem.

Assim o professor precisa de facilitar a interação com a língua escrita e apresentá-la como desafio cognitivo, com significado para a vida dos alunos, a partir do qual possam progredir no conhecimento do que está escrito, dizer sua palavra e formular hipóteses de interação com o que já sabem e com as que poderá adquirir, sem que haja a excessiva preocupação do certo/errado.

Feito essa adequação, professores fariam um redirecionamento à prática, estar ciente de que o conhecimento dos alunos nem sempre correspondem a série/ano que se encontram, porém essa desarmonia de saberes deve de ser usada de maneira produtiva. O desafio é de encarar, cada um desses sujeitos com suas particularidades e suas dificuldades, e a incumbência é a de realizar a inserção.

Então, as competências leitora/escritora valorizadas pela escola, as que assimilará às que ocorrem no contexto social, colaborando assim para a formação de um leitor e para a própria transformação dessa escola, que ensinará a pensar genuína função do ler e escrever, capaz de transformar e oferecer condições de cidadania e responsabilidade social a todos os que participem dela. Logo, os saberes sobre o sistema de *escrita* como aqueles sobre *linguagem* devem ser ensinados e sistematizados. É preciso planejar uma diversidade de situações em que possam, em diferentes momentos, centrar seus esforços ora na *aprendizagem do sistema*, ora na *aprendizagem da linguagem* que se usa para escrever.

O desenvolvimento da competência de *ler e escrever* não é um processo que se encerra quando o aluno domina o sistema de escrita, mas se prolonga por toda a vida. Quanto mais acesso à cultura escrita, mais possibilidades de construções de conhecimento sobre a língua.

## 6. OS SENTIDOS DA LÍNGUA

[...] em Miami não tem problema: você pode falar português, espanhol, inglês, ou tudo misturado, que em todas as lojas te atendem. (Turistas no Aeroporto Internacional de Guarulhos, São Paulo).

Há uma especulação bastante vultuosa sobre a concepção de que hoje, uma grande parte dos educandos, não conseguem expressar suas idéias, que embora vivenciem o século das tecnologias, ignoram total importância da comunicação. Estão isso refletido no interior das unidades escolares, como um enorme fracasso, os quais acabam atingindo diretamente os professores e alunos, desestimulando-os nessa perspectiva de construção.

Muitos de nossos educadores em consonância com os alunos visam traçarem um viés da escola que têm ligação com aquela que buscam. Nesse embate, convém aqui esclarecer, que é árduo a trilha, já que não depende tais medidas exclusivamente da instituição, mas dos organismos externos que impetram na sua autonomia.

Assim, procura-se aqui, não culpar os dominantes e os dominados, mas traçar um percurso que permeie o reconhecimento da *linguagem dos filhos de Cárceres no Cotidiano Escolar* como um dialeto que surge e não um estigma de uma classe inferior. Haja vista, que muitos dos municípios agregam uma penitenciária e esta faz parte da sua população.

“Vários presentes de grego” são dados aos prefeitos de muitas cidades da região e no Vale da Ribeira. A população é pega de surpresa, não há qualquer informação tampouco discussão prévia sobre as supostas consequências como: habitação, emprego e ignoram principalmente a questão **educação**. Simplesmente, de maneira autoritária e tecnocrática, governo instalam nos municípios. Não há preocupação sobre os problemas ambientais que as construções dos presídios devem causar. Infelizmente são omissos às questões acima, tomam esta decisão olhando para o mapa, desconhecendo os poderes locais e a população que habita nestas cidades.

É legítimo a necessidade da ampliação do número de vagas em unidades presionais do estado, porém essa não é uma decisão unilateral. Autoridades e a população de um determinado município antes de se instalar um presídio deviam de

ser ouvidas, até para que se discutam medidas compensatórias já que, na situação em que se encontra o sistema carcerário em nosso estado, as unidades tem representado apenas ônus aos municípios, cujo exemplo está voltado para a cidade de Iperó.

O ideal é que trouxéssemos para uma reflexão o que ensinamos e para quem ensinamos; do outro lado teríamos o que os alunos aprendem e para quem aprende? Nesse entrave surgiria um suposto questionamento; se não estamos atendendo a sociedade hegemônica com exclusividade ao manter o que ela anseia, ou se estamos realmente construindo e (re) formulando os saberes daqueles apostados dominados; cujo foco seria de buscar uma “sociedade igualitária”, ainda que essa defesa de linguagem seja alvo de críticas e um julgamento prévio da sua periculosidade, acredito que essa nova linguagem, seja mais uma “alavanca” no que se refere ao *ensino-aprendizagem*.

Ao inseri-la, não estaria preconizando- a, mas trazendo como mais um discurso dos falantes/ouvintes e que disso, tem- se como resultado a **comunicação** e algo gerado para um forte debate curricular. Ou seja, **Paulo Freire (1982)** destacou a necessidade de ultrapassar as fronteiras da realidade mostrada pelas palavras. Tanto que ele defendia a Educação como pratica de liberdade e dizia que: “o povo tem direito de saber melhor o que já sabe, mas também saber o que ainda não sabe”. Com isso defendia que é muito significativo a ampliação e o aprofundamento do conhecimento.

**Paulo Freire** valorizava essa heterogeneidade em sala de aula, dos saberes dos estudantes das chamadas classes populares. Ele propunha que, com uma pesquisa prévia do Universo dos termos falados pelos educandos, fosse selecionadas as denominadas como palavras geradoras. Com esse dado novo em sala de aula, propunha a formação de outras e também que funcionaria como ponto de partida para que os demais compreendessem o mundo, o entorno e organizassem seu pensamento a respeito dele.

Nessa linha de pensamento, ir além do que já é conhecido também garante o cumprimento do que sugerem os **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**, já que o *Cotidiano Escolar* de um aluno, não é somente de pais doutores.

Assim, este documento parte do pressuposto de que a alfabetização é a aprendizagem do sistema de escrita e da linguagem escrita em seus diversos usos

sociais porque consideramos imprescindível a aprendizagem simultânea dessas duas dimensões.

Ler e escrever não se resume a juntar letras, nem a decifrar *códigos*; a língua não é um *código*: é um complexo sistema que representa uma identidade cultural.

## 7. A FORMAÇÃO DO DISCURSO

Convém aqui ressaltar, ainda que de maneira genérica – que o discurso entre falante/ ouvinte perpassa pelos segmentos da:

**# Linguagem como expressão de pensamento:** baseada aos estudos tradicionais, as pessoas que não sabem se expressar, logo não se comunicam;

**# Linguagem como instrumento de comunicação:** A comunicação se dá através de regras, capaz de fornecer mensagem intelecto ao receptor, do contrário ela está prejudicada;

**# Linguagem interativa:** O sujeito através dessa linguagem não conseguiria dar conta dessa comunicação se não fosse falando mesmo. Por conta disso é que busca um caminho, uma nova postura educacional, com um olhar interdisciplinar, já que no *cotidiano escolar* é o palco dessa relação social, cujos autores tornam-se sujeitos (BRANDÃO, 2000).

Nunca tivemos acesso a tantos e tão diferentes assuntos e fatos como nos dias atuais. Então, podemos assim dizer de que muito falamos e pouco dizemos, época em que somos bombardeados por informações. Ou seja, se quem fala não diz, quem ouve não escuta, a comunicação acaba ficando truncada, algo mecânico e não de trocas efetivas e com significados.

Então, para essa análise de “*linguagem carceriana*”, o foco central de toda a discussão fomenta que o mais importante é o de valorizar as relações entre o sujeito no momento em que falam, de que simplesmente estabelecer critérios e nomenclaturas na elaboração das frases, ao menos no diálogo informal.

### 7.1. A Escola pública inclusiva X Diversidade

Enfrenta-se no cotidiano uma vasta variedade de linguagem, no organismo escolar- que sejam de ordem sociais, quer *regionais*.

Dadas as essas variações dialetais, há um elemento que a escola preconiza – centrar a nomenclatura, ou seja, o uso incondicional da norma culta. Nessa perspectiva, desconsidera a hipótese de que ela em sua contemporaneidade não recebe educandos oriundos das camadas mais privilegiadas de população.

Na tentativa de igualdade na busca de uma democratização pífida, traz em seu interior outros frequentadores e com eles variações dialetais bastante significativas e que a cada dia criam corpos, assim fazem parte dos discursos de todos os alunos. Sendo assim, ousou conceituar como **a Linguagem do Cárcere**.

Não damos mais aulas só para aqueles que pressuponhamos que fossem de um mesmo grupo social. Formam outros grupos e que estão sentados nas cadeiras escolares e falam diferente.

Reconhecemos que a linguagem esteja associada ao sujeito, porém não deveria estigmatizar exclusivamente esses alunos.

Mas a escola na sua essência elege a norma padrão, as regras. Portanto, que não estivesse em seu contexto é preciso pôr fora, a sentença elaborada *escrita/oral* é errônea, não condiz para o momento. Aceitar essa linguagem e ficar na contramão da **Proposta Curricular**, e diminuir o nível da escolarização.

A transformação de uma variedade lingüística em detrimento a variação “cultura” ou “padrão” está associado a vários fatores como:

- Associação desta variedade à modalidade escrita;
- Associação desta variedade a tradição gramatical;
- A dicionarização dos signos dessa variedade;
- A consideração dessa variedade como portadora legítima de uma tradição cultural e de uma identidade nacional. (GNERRE, 1978, p. 56)

Sob a análise dessas citações acima, surge um embricamento. Deparamos com inúmeras diferenças dialetais, diante dos conteúdos a serem cumpridos, fica a indagação da atitude do professor.

Reconhecemos que essas diferenças são reveladoras não só dialetais, mas também de outras em que a “*Norma Culta*” resulta de uma imposição dominante.

Ao aceitarmos essa condição, estamos desclassificando e anulando esses sujeitos e os demais dialetos? Como aponta Magda Soares:

de um lado há os que pretendem que a escola deva respeitar e preservar as variedades linguísticas de classes populares, e sua peculiar relação com a linguagem, consideradas tão válidas e eficientes, para comunicação, quanto à variedade linguística socialmente privilegiada. Nesse caso, a escola deveria assumir a variedade linguística das classes populares como instrumento legítimo do discurso escolar (dos professores, dos alunos e do material didático). Por outro lado, há os que afirmam a necessidade de que as classes

populares aprendem a usar a variedade linguística socialmente privilegiada, própria das classes dominantes, e aprende a manter com a linguagem, a relação que as classes dominantes como ela mantém, porque a posse dessa variedade e dessa forma específica de relação com a linguagem é instrumento fundamental e indispensável da luta pela superação das desigualdades sociais. (SOARES, 1983, p. 36).

Assim como a diversidade, os processos e a luta pela exclusão representam mais do que a incorporação total ou parcial das pessoas excluídas dos espaços e tempos escolares a esses sujeitos negados historicamente.

Só a educação no sentido pleno do termo, se ela for exclusiva e reconhecer a diversidade, criticidade e reconhecimento para desencadear posicionamentos, práticas políticas e o entendimento da relação entre inclusão, exclusão e desigualdade, articulados a uma visão ampla de educação, sociedade sustentável e políticas públicas.

Convém aqui registrar que nem sempre a discussão sobre a “*inclusão social*” incorpora e pondera a sua complexidade na vida dos sujeitos sociais e reconhece o direito à diversidade como condição para o exercício pleno daquilo que lhe é de direito.

O discurso da diversidade precisa de se deslocar da agenda social do país e incorporar-se mais nos documentos educacionais. Essa cobrança tem a ver com as estratégias por meio das quais os sujeitos sociais e diferentes passaram a destacar politicamente as suas singularidades e identidades, cujo cenário foi no *Cotidiano Escolar*. Esses sujeitos almejam tratamento justo, como equidade que ronda sobre essas diferenças, social e culturalmente construída.

Próximo aos nossos enfrentamentos, na inter-relação da escola pública e sua diversidade, naquilo que se refere ao eixo da linguagem está à questão da “*negociação*” com a norma culta.

Declaro aqui que acordados, não significaria negar o falar marcante dos alunos, rejeitar seus familiares, excluir seu grupo social, entre outros. A intenção é clara e precisa; furar esse bloqueio que a sociedade dominante instaura àqueles “diferentes.” Logo, partiríamos da premissa de oportunizar mais uma forma de linguagem e interação.

Não é tarefa fácil trabalhar pedagogicamente com a diversidade, sobretudo num país, marcado por profunda exclusão social, política, econômica e cultural,

reformada pelo próprio sistema. Um dos aspectos dessa exclusão, que os sujeitos mais padecem no campo da educação escolar e principalmente no cotidiano da instituição – é a **Negação das diferenças**.

Afinal, oferecer educação de qualidade significa fazer adaptações físicas e pedagógicas, cabendo ao professor reconhecer essa nova função e brigar pelos recursos necessários.

Não basta o aluno estar matriculado em uma escola, onde essa escola afirma ser inclusiva. É preciso garantir as condições de ensino-aprendizagem.

## 8. AXIOLOGIA DA LINGUAGEM

Na verdade há uma discussão muito extensa sobre o conceito de linguagem. Muitos estudiosos deixam evidentes que a **linguagem** se estreita aos seus usuários, ou seja, decursa de outras questões sociais, variam, e acima de tudo é cronológica.

Inexiste uma linguagem específica, uma linguagem que seja unicamente segmentada por gêneros, idade ou por pessoas mais ou menos fluentes. Isso faz os pesquisadores de linguagem entender que ela é analógica (BRANDÃO 2000).

Então aquilo que o sistema denomina como o “*correto*” na questão da linguagem foi no momento da história ter sido usado pela classe hegemônica. Determinadas expressões e conceitos em certas regiões do país, adotou- as como expressão do poder. Daí o domínio passou a ser necessário para ter acesso ao poder. Acreditava- se que a força advinha não dos sujeitos, mas dos seus falantes, não digo daquele que falava melhor, mas de quem se expressava mais. Ao passo que as outras ficaram limitadas ao uso do cotidiano.

Entendes a relação entre diversidade e educação gratuita e de boa qualidade, implica essa instituição reconhecer o direito à diversidade e o respeito às diferenças como um dos focos orientadores da sua ação e prática pedagógica.

Parece estarmos num beco sem saída: de um lado têm- se a comunidade de fala, do modo definido pelos dominantes, por outro lado, o *sujeito falante* que usa o discurso mesmo dentro dessa comunidade.

Não dá para categorizar em termos de linguagem o que é diferente e do que é igual. Todas elas são pertinentes à Comunicação e que funcionam com muitas regras, assim como as da “linguagem Clássica” ditas por escritores renomados. Sendo assim não há erros, mas diferenças nas linguagens. O que há são inadequações ratificadas pelas regras sociais que não abonam a essa forma de discursar.

Para interdisciplinaridade o “erro”, só existe em relação a avaliação social, e não pela forma da expressão do sujeito, nesse contexto da linguagem.

Desta forma a relação entre as disciplinas deveriam aparecer dentro das situações didáticas e fora dela também. Então, os sujeitos passariam de um estágio de menos conhecimento para outro maior, em cada um dos conteúdos envolvidos.

**Maurício Gnerre** - “afirma que a língua é o único lugar em que a discriminação é aceita”.

Não se trabalha com a questão de findar com essa discriminação cada vez mais se mantém a língua da escola, que é na verdade a língua do dominante. O preconceito contra qualquer manifestação de linguagem não prevista nas gramáticas é escandaloso. Com essa diversidade da linguagem, resta acreditar que a melhor demonstração seria o estudo interdisciplinar concatenado a sociolinguística.

Nessa perspectiva não existe nenhum discurso bom ou ruim em si.

**Fischmam** menciona quatro conceitos elementares sobre avaliação privilegiadas pelo

# **Padronização:** [... conjunto de hábitos ou normas que definem o “correto”...]

# **Autonomia:** [... tem como principal instrumento a padronização...]

# **Historicidade:** [... para parecerem autônomas, precisam da reconstrução do passado e descobrir sua estirpe...]

# **Vitalidade:** [... atividade que se preocupa com a manutenção da língua e sua difusão. Quando mais numerosos os falantes, maior a autonomia, a historicidade e a vitalidade...]

Sob o olhar de **Fischmam (1975)** fica evidente a exclusão dessa linguagem que surge no *cotidiano escolar*- “*Linguagem dos Filhos do Cárceres*”; pois vida a dominação, de maneira limitada expõe os sujeitos a um modelo distante da sua experiência vivida. Nisso resulta o fracasso no ensino/aprendizagem; impedindo o crescimento e o aprender de outras variedades discursivas.

Segundo pensamento **Foucault (1986)**; “o discurso não é simplesmente o que traduz as lutas, ou os sistemas de denominação, mas o porquê, daquilo pelo que se luta, o poder cuja posse se procura”.

As situações de ensino-aprendizagem devem facilitar a análise e a compreensão dos modos como a sociedade funciona ou deveria funcionar. São aspectos de grande importância, pois estão diretamente ligados às nossas vidas. Então, cabe ao educador desenvolver as competências que os tornem capazes de fazer valer seus direitos, com compreensão sobre as leis e respeito às regras da democracia, da cultura e de toda questão que envolve a **Educação**.

## 8.1. Língua Escrita X Língua Falada

A linguagem sofre mudanças com o tempo, isso é fato. A causa mais provável de observar esse paradigma é o contato com pessoas de outras faixas etárias. Quanto maior a diferença de idade, maior a diferença de falar. Ambos se chocarão com os “desvios” sejam eles de ordem vocabular, pronúncia ou de construção.

Para melhor situar se bastaria trazer um texto escrito em outro século ou falado e constataríamos o quanto são divergentes à contemporaneidade. Logicamente, que a cada um deles obedeceram as medidas (pré) estabelecidas pela época.

Embora saibamos das transformações que a linguagem falada vem passando em sincronia com a escrita, cabe aqui pontuar de que há sempre uma preocupação exacerbada com a língua escrita a qual acaba transformando- se cada vez mais conservadora. No entanto, muitos dos estudiosos criam que tínhamos uma língua constituída e essa não estaria sujeita à mudança, o que não é verdade.

**Saussure (1969)**, estabelece a linguagem como disciplina científica, exclui relação com a história e a estrutura da sociedade...

Relega a linguística externa, valorando o conjunto homogêneo, o que acabou prevalecendo por longas datas. Desta forma, pressupunha- se descrever a linguagem sem levar em conta elemento na variação, em mutação nem com o papel da sociedade.

É legítimo afirmar que há forças externas que atuam nela. Se deixarmos de lado tudo o que é social, desconectando da pertinência a linguagem é o mesmo que descartar os sujeitos falantes/ ouvintes que não utilizam- se das regras.

a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo a refazer. Dessa forma ela está sujeita a recriações. Depende de uma tradição já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. (COSERIU, 1979, p. 46)

Nesse contexto onde as variações são possíveis de acontecerem e acontecem estas estão sempre em menos número.

Nota- se a existência de poucos preocupados com essas inovações que surgem todos os dias. Assim elas acabam se perdendo e não sendo difundidas

pelos falantes de uma determinada comunidade, pois o foco é a propagação das normas estabelecidas pelo organismo dominante.

É importante sabermos que a língua e a escrita são intrínsecas, embora de natureza opostas sejam heterogêneas não são sistemas acabados, prontos e perfeitos. Logo são passíveis de alterações, desde que nessas ocorra a comunicação do emissor/receptor/leitor.

## **8.2. As amarras discursivas**

A principal prática de quem encontra-se no modelo prisional é a produção de cartas. Nelas os sujeitos, transpõem seus pensamentos além daquilo que realmente quer deixar transparecer ao leitor. Haja vista que as normas lá estabelecidas são de que os autores são homens másculos e não há reserva para os sentimentos. Na tentativa de dissipar da solidão produzem textos, narrando assuntos corriqueiros até aqueles de maior complexidade, relativo ao seu meio.

Segundo os padrões da escrita, essa produção pode ser feita por meio de questões formulativas, o sujeito opta em expor na sua competência escritora os quais são: paralelismo, tempos verbais, paráfrases, etc.

Nas correspondências desses autores vê-se a reiteração e repetição de itens lexicais. Sugere-se que o uso desses elementos sirva para o analisador fazer uma leitura intuitiva, que para o sujeito não teria sentido se o item fosse usado somente uma vez.

O uso dessas recorrências exige do leitor uma atenção aprimorada, pois o sujeito na sua produção textual poderá alterar o seu discurso; em ajustar-se reformular ou precisão maior daquilo que havia iniciado. Esses elementos são vitais para quem encontra-se nesse organismo, produz afeito de intensificação de ênfase, isto é, quase que um texto propagandístico, onde tenta o convencimento do leitor. A análise primeira é com a finalidade de tornar-se presente na memória do ouvinte/leitor e esse por sua vez acabar aceitando suas premissas.

Daí surge o entrave da questão da escrita, de não somente ao detento, mais por parte de grupos que encontram-se no cotidiano escolar, que produzem no interior desta instituição a fala/escrita com tais recorrências.

A escola em seu bojo condena esse desempenho na escrita, afirma de que essa prática é prejudicial em todos os aspectos da *comunicação*. Não consegue detectar nessa produção os elementos que julgam essenciais para a interação comunicativa; a coerência e a coesão. Por conta desses sujeitos, instaurarem referentes novos em seus discursos a todo o momento. Contudo, cabe citar que existe sequência lógica nas suas construções. Muitos deles desprezam as regras reproduzidas nas escolas. O interessante é que sabem que: o enunciado daquela idéia é desativado e acrescenta-se uma nova referente e simultaneamente relativa aquele posto de fora, finalizando sob maneira em seu cotidiano.

Nessa questão discordo de que não ocorreu comunicação, pois ela pode acontecer de maneira contínua ou descontínua, é preciso preservar a sequência dos fatos.

Desta forma, como a escola vem tratando a questão da linguagem, temo por um vazio significativo em seus bancos escolares.

Primeiro pela descontinuidade de conteúdos, onde o aluno é frequentemente levado entender as regras do conhecimento de maneira artificial, as noções são distribuídas de maneira estanques. O que se lhe exige é que encontrem elementos metalingüísticos, fragmentos textuais, sem a preocupação de um direcionamento, o porquê do fazer aquela atividade proposta.

O aluno nem sempre consegue fazê-la, já que de seu ponto de vista cognitivo, não há significado.

Segunda situação é o despreparo que ela vem enfrentando na questão da diversidade educacional, na omissão de que as diferenças inexistem.

Essa inserção se dá através do currículo nas práticas de ensino e principalmente na formação dos educadores a fim de superar as relações adversas históricas, políticas, econômicas sociais, culturais, religiosas, as quais evidenciam os fenômenos: desigualdade, discriminação, etnocentrismo, racismo, sexismo, homofobia e xenofobia.

Geralmente a maneira de falar se renova mais rápido de que o modo como se escreve, já que a escrita requer padronização. Isso se dá por conta da oralidade preceder a escrita e a usamos com maior frequência.

Não há problema em discutir o uso da *“linguagem dos filhos de cárceres”* em sala de aula, mais precisamente no *cotidiano escolar*, desde que os alunos reflitam

sobre essa linguagem e saibam que o local para praticar a nova criação é exclusivamente de maneira informal.

A escola na sua amplitude visa a inclusão; portanto deve estar alerta às inovações trazidas pelos alunos sem considerar a escrita errada nem alimentar preconceitos linguísticos. Pela escola circula muitas gerações, muda a língua, que não para de se recriar.

As transformações da linguagem nas ruas, nos prédios, nos presídios também. Como prova dessas mudanças são as expressões determinadas por lei, como é o Acordo de Unificação Ortográfica, elaborado em 1990 e recentemente ratificado pelo Brasil, que pretende aproximar as maneiras de escrever de todos os países que tem o Português como idioma oficial.

Então, as mudanças da língua são inerentes. O cognitivo também tem sua responsabilidade por essas alterações. Ao usar-se a expressão “*estou morto*”, após um dia exaustivo, não quer dizer que morri, mas que estou muito cansado, daí a variação original para um conceito abstrato.

A linguagem de que trata essa pesquisa é de que a “*linguagem carceriana*” rompeu os padrões inovando a linguística. Há reconhecimento de que todos os dialetos são variantes linguísticas podem ser sistematizados e que portanto a gramática tradicional é o ordenamento de uma delas: o da norma culta. Logo o *discurso do cárcere*, deve de ser discutido em sala de aula e usado em proveito da aprendizagem. Embora muitos educadores se alarmem e achem que o fim da língua portuguesa esteja próximo. É preciso que adaptemo-nos às mudanças e tragamos aos educadores à reflexão sobre eles e saibam reconhecer a existência da norma padrão. Explicar o porquê do uso da “*linguagem dos filhos de cárceres*” ser comum entre eles e diferenciar da norma culta, quais são as estratégias do uso dessa linguagem, haveria intenção de suposta relação de poder?

## 9. RELATO DE TRAJETÓRIAS SIGNIFICATIVAS DOS ALUNOS

Ninguém está sozinho, e nem é possível de viver sob essa maneira. Objetivando firmar essa pesquisa, busca fazê-la envolver em um trabalho com a comunidade *“dos filhos de cárceres”*; Analisar o porquê, como, quando, o que levou ao regime de reclusão seus familiares.

Afinal, lá pude observar que não são somente homens comuns que encontram-se em situação de cárcere, há um outro presídio que assiste aos ex-policiais que cometeram algum delito, ou qualquer infração de natureza adversa dos bons costumes, ou que estiveram na *“contramão”* às regras da polícia ou da sociedade.

Quando dos civis, é notório que esses gozem de menos privilégios que outros. No primeiro há um controle sobre a entrada de alimentos e de outros pertences para as necessidades básicas; os horários e os deveres são sempre apontados a risca. Se por ventura alguém violar as normas que rondam por lá, é posto em segregação denominada como *“solitária”*.

O cárcere sob esta condição é tolhido o direito de tomar *“banho de sol”*, assistir a qualquer programa televisivo, bem como da locomoção, a qual é bastante restrita, havendo lá uma latrina e pouco iluminação. Após sua saída do isolamento, este cárcere passará por um determinado tempo sem ter nenhum tipo de visita. Enquanto que ex-policiais se agirem de forma contrária às regras do presídio, são aplicadas sanções muito brandas; como retirar o seu televisor, cortar a energia do ventilador, banhos frios, entre outros.

Convém ressaltar que as celas destes ex-policiais, bem como dos aparelhos que lá se encontram são quase que individuais ao passo que de um cárcere comum é coletivo.

Infelizmente o sistema prisional trabalha com dois pesos e duas medidas; aos amigos todo *“regalo”*, aos inimigos as *“penas da lei”*.

Precisamos de reinventar a sociedade e os dirigentes governamentais em caráter de extrema urgência, naquilo que diz respeito a maneira de (re) educar àqueles que cometem os mais variados delitos.

Observo que a sociedade só confia no regime prisional, àquele que não tem conduta e não está para servi-la e segui-la, deve de ser afastado do convívio comunitário, é um marginalizado, um contraventor e precisa de estar no cárcere.

Nesse capítulo pretende-se narrar fatos ficcionais, daqueles que por um motivo ou outro romperam com as expectativas da sociedade. Embora as ocorrências desses sujeitos estejam descritas resumidamente, muito contribuíram para com essa pesquisa, tendo em vista a disposição destes cárceres em narrar suas duras trajetórias, as quais o levaram até o presídio à liberdade e a reconstrução/retomada de suas vidas.

## 10. NARRATIVAS

O presente trabalho investigou a linguagem de filhos de cárceres, numa escola pública do município de Iperó. Realizou-se uma pesquisa de campo, na escola, analisando práticas pedagógicas sobre a linguagem carcerária.

Para tanto, levantou-se narrativas de cárceres e trajetórias de alunos que usavam a mesma linguagem em situação escolar. Esses levantamentos permitiu contextualizar e entender a maneira que os alunos apresentavam em sala de aula. Foi descrito uma prática pedagogia, glossário de palavras, para descrever as relações da linguagem com o contexto sócio-histórico, numa interdisciplinaridade.

### 10.1. Negão- PB - 52 anos – Casado e com 02 filhos

Minha Vida não tem muita importância. Nasci em Souza, uma cidade da Paraíba. Sou o terceiro filho de 6 irmãos. Víamos no sertão, desde muito cedo era “roça e puxar água”, que ficava a quilômetros da nossa tapera.

Meu pai plantava de “a meia” com meu tio. Todos sonhavam com o plantio: poder colher, fazer despensa e vender, mais tudo ficava no sonho.

Naquelas bandas a chuva não existe, Deus está de mal com aquele povo.

Uma empreiteira assumiu um serviço por lá e conseguiu “trampo”. Durou seis meses, deu para comprar uma beca, dei uns trocos para meus pais e convidaram para trabalhar aqui em São Paulo com 20 anos de idade.

Chegando aqui, estranhei nunca tinha isto um lugar que não tivessem terra, tudo era pedra, que coisa “da peste”!

Trabalhei dois meses e morava com mais quatro “caras”. De dia trabalhávamos e à noite “trampávamos” uma “birita”. Tinha um outro que gostava de queimar” uma erva”. Ofereceu, topei e gostei, não conseguia mais pegar “no trampo” se não tivesse o “baseado”.

Nosso “beco” ficava perto da Estação de trem Júlio Prestes. Capital. Parece que hoje nem tem mais trem, não é?

Mais nem sempre tinha dinheiro para o “barato”, comecei frequentar lá, pois era o final de quem vinha do interior e saída para quem embarcava, e tinha ainda os “subúrbios” que chegava toda hora, da grande capital. Vinham visitar parentes ou fazer compras.

Tirava um relógio de um, uma carteira de outro, uma corrente aqui e outra lá. Com essa facilidade, não trabalhei mais.

Conheci um “camarada” que convidou para fazer uma presença num banco, e tinha mais três “chapas”, tudo ia ser na “moral”.

Nesse tempo já conhecia outros químicos. Fizemos um “lual” e seguimos. Não deu certo para mim, nem conhecia os manos, mais acho que exagerei “na dose”, fui “vacilão”. Os “gambé” pegaram e levaram-me para o antigo Carandiru; disseram que lá hoje é um Parque de criança. Nunca mais fui para a capital, só dei “zica” naquele lugar. Puxei “cana” por 17 anos, sofri até não querer mais, a vida lá é “braba”. Nunca recebi nenhuma visita, meus “chegados” eram de outra capital. Trabalhava lá para os “manos”, costurava bolas para ter o dinheiro e comprar “careta”. O que era triste de mais era nos dias de visitas, você não receber e ter que “pedalar” de um lado para o outro. Sai e trabalho na prefeitura, mais fiquei um tempo “assinando carteirinha”.

Meus filhos estudam, minha esposa é diarista e vivemos uma vida simples, mas também pra quê muita grana? Se Deus quisesse eu nascia rico.

## **10.2. Alemão- Mairinque - 30 anos – Casado, sem filhos**

Nasci e cresci em Mairinque/ SP. Somos em dois filhos, sou o caçula. Tínhamos muitos bens, uma vida folgada, com um pai microempresário. Minha mãe, uma senhora aposentada de um serviço público. Conheci uma “mina” muito “dez” em uma cidade. Ela era a dona do meu coração, tinha de ser com ela a minha vida. Como alguns parentes moravam lá, aos fins de semana eu “pegava a mula” pra lá.

Os negócios de meu pai, não começaram a dar certo. Vendeu-se tudo e mudamos para a cidade de Alumínio.

Fui trabalhar numa cidade perto de onde morava, dava para ir e vir de ônibus, uns 8 km e ainda era por escala.

Lá perto do meu “trampo” tinha um “bailão de forró” que nossa! Era muito “as pampas”?

Estava na frente do meu serviço, quando passou um “truta” e chamou para ir com ele. Conteí que estava “de boa”, era meu plantão. Disse que “não pegava nada” nós íamos tirar um “relax”. Não “deu outra”, estava sem “grana”. No caminho por

perto da meia noite, um “tiozinho” no ponto de táxi. Chegamos, abrimos a porta e aquele cara anunciou o assalto. Catamos “duas onças”, dividimos e cada “parceiro” seguiu seu rumo.

Voltei do trabalho, dormi numa “Nice”, ninguém tinha se ferido e a polícia pensei que estavam “numa outra parada”, se o “tiozinho” foi “cagueta”.

À tarde, fui dar um “rolê” com a moto, cadê a habilitação. Não deu outra, na semana noticiaram em jornal da cidade e vizinhança e com direito a foto, nossa o mundo caiu, meus pais ficaram muito “P” comigo. Fiquei no “SPA” por 8 meses na cadeia pública de Tatuí, a família da minha mina, quiseram fazer um “barraco”. A “mina” é duro na queda, foi visitar o tempo que estive lá, passou e fez documento “de muié”, mesmo, “sacou”? “Na boa”!

Estou na rua hoje, já casamos há 3 anos, faço Administração e ela é professora, tem muita “presença”. Não esqueci o que me aconteceu e nem dá para apagar da mente aquilo que você fez e sabe que não é certo, mas a certeza tenho de que não faço essa bobagem mais!

### **10.3. “Baxinha”- São Bernardo do Campo - 40 anos – Casada/ Viúva/ Casada, 4 filhos/**

Não sei se minha vida dá um livro, mas já sofri de “montão”. Vim de Aracajú muito pequena. Meus pais queriam um lugar que tivesse água para plantar e nunca mais seus filhos padecerem. “Caiu do cavalo”! Lá ninguém tem terra, tudo aonde se vai é cimento, asfalto, prédio. Tenho seis irmãs, comigo. Todas são de “responça”, evangélica, mães, “gente fina”. Conheci um “cara” que parecia até “boa pinta”, tinha um “poizê”, fumava um “careta” caro pra daná, “meu”. Só tomávamos “biritas caras”. Nos pescoço e no braço cordões “dahora”.

- Perguntava onde comprava, quanto custava?- Respondia que tudo aquilo era “fumaça”. Quando e quanto quisesse, era só mandar vim. Foi conversar com meus pais sobre namoro e logo casamos. Saia todas as noites e voltava muito tarde. Trazia coisa de que não estavam com ele na hora da saída, como: bebidas, jóias, dinheiro e uns pacotinhos enrolados com fita crepe. Nasceu o primeiro filho e mesmo de “resguardo” ele pedia para eu entregar as encomendas (pacotinhos). Nunca tive interesse em saber o que era aquilo, de onde vinham aquelas coisas.

Quando comecei a perguntar, dizia que comprava e vendia ouro, esse podia ser em peça ou em pó.

Nunca soube o que era passar fome, nasceu a segunda criança, e com essa o vício nasceu no meu marido.

Tudo que tinha foi sendo “queimado” ou “cheirado”. Numa noite ele cheirou as caixas de leite dos meus dois filhos o que me revoltou profundamente. Compreendi que meu marido era um usuário de traficante. Consumia droga e não pagava, fazia parte de um comando.

Numa noite fria, morava nessa época em Itapevi, apareceu um homem em casa, com carro elegante e dizia ser o “corregedor” do bando, queria “grana” e como não tínhamos, “o chicote estralou”. Peguei meus filhos e “zarpei” para o “chalé” dos meus pais, com duas crianças menores- que dificuldade!

Meu marido dava um “cascalho” para ajudar, estava cruel nossas vidas. Conheci uma “galera” que pediu para eu entregar umas “pedras preciosas” em Jandira (cidade próxima da minha) “belê”, “não deu outra”, o negócio era “firmeza”, fui muitas vezes e o piche começou a pintar lá em casa. Estávamos “numa boa” – Aquela vidinha! “elvis”!

Comecei a ficar apertada “parti para a galera”. O “fardo” era maios pesado assim como a “bufunfa”.

Desci em Osasco com a “muamba”. Fui dar um “role” de nada os “homens” vieram “com tudo”. Mão na parede bate daqui bate de lá, levaram meu “jumbo”. Detida por 10 anos em Santana/SP nunca recebi uma visita, meus pais muito pobres fiquei a mercê das colegas. Lavava, Limpava, fazia unha delas. Tornei uma doméstica na cadeia. A fama logo chegou, a “Baxinha” faz um “rango” dos bons; ela é gente fina. Até gostava de não receber parentes, tinha vergonha da situação, meus pais são “maior barato”, não precisava de ver isso.

Então peguei o “Bonde” para Votorantim/ SP um presídio Feminino, cuja visita são às terca- feiras. Mulherada gente fina, não trouxe nada de onde estava, dividiam tudo comigo. Lá fiquei por dois anos, tempo em que meu marido “beleléu”.

Estou ai na parada, já há 6 anos, visito meus pais poucas vezes, por conta da distância e da vida modesta que levamos.

Sirvo um Deus vivo, pois sou evangélica e enquanto estiver viva, darei meu depoimento. Conheci meu erro, paguei minha divida com os homens, mais estou em falta com o nosso senhor!

Casei- me de novo com uma pessoa que o Pai preparou e ama todos meus filhos; honro esse homem que não viu defeito em mim. Levanto todas as manhãs, ora a Deus, faço os meus salgados e saio vender nas portas das fábricas.

O Senhor seja louvado!

## 11. REVENDO AS PRÁTICAS

Explorar apenas a habilidade escritora, sem objetivo delineado, não faz com que ninguém aprenda- a, efetivamente. Falta o diálogo, o debate por que e para quem escrever? Afinal, é preciso estabelecer que não escrevemos para guardar, pois sempre há um leitor que vai interagir e avaliar no seu interior essas práticas: leitura/ escrita

É por isso que não faz sentido pedir aos alunos escreverem só para o professor ler. Quando se escreve uma notícia, é porque muitos vão lê-la. Se produzir um romance, uma crônica, acredita- se provocar no leitor emoções, senão muito, entreter.

Esta abordagem requer uma ampliação de mundo aos educandos, pois intenciona privilegiar o comportamento dos leitores/ escritores.

Os conceitos gramaticais são importantes, mas nessa perspectiva poderiam ficar “*stand by*”. Saber usar a língua e poder explorá-la é o essencial para que os nossos alunos superem as dificuldades e possam com isso desenvolver as competências/habilidades de leitor e escritor dentro dos parâmetros esperados.

Não se enfatiza abandonar os conteúdos convencionais da gramática normativa e ou descritiva, mas dá-se a ele um grau de importância diferente. O estudo de certas categorias, não seria em fim mesmo, mas um meio para explorar aspectos semânticos da língua, onde seria discutido problemas de interlocução ou aspectos de sentidos relacionados ao contexto, discursivo, de variedades linguísticas regionais ou grupais, qual o seu valor na construção da *linguagem oral e escrita*.

Espera-se que nesta perspectiva o aluno não se limite em aprender a descrever as regras da norma culta, mas passe a operar a língua como um todo (incluindo as variedades linguísticas) em seus aspectos essenciais de produção e interação social.

Não descarto a ideia de que muitos de nossos alunos tem conceitos da língua internalizados,

Para alcançar esse conhecimento não seria necessário cobrar veemente a ortografia e a gramática; como um fim em si mesmo.

Desta forma ofereceria melhor condição de preservar os elementos essenciais (fala/ escrita) na educação, que ensine a viver melhor, através do

conhecimento e da construção. Mas antes a isso, começar a se conhecer por si mesmo.

Esta problemática liga-se estreitamente à igualdade de oportunidades, na sociedade. Pressupõe um rompimento das práticas educativas tradicionais. Por conta disso, o ensino passaria a ser um assunto de todos os envolvidos, direto ou indireto com a questão educacional, deixando de receber “*instrução bancária*”; cujo ator central é o professor; para serem os protagonistas do cenário.

Deve-se oportunizar muitos viés para aquisição do saber, afinal ele não é o fim o conhecimento passa por inúmeras modificações.

Nesse embate, o ato de ensinar é apontado como uma tarefa complexa, vai além da transmissão direta de conteúdos. Ganha um novo significado: possibilitar aprendizagens que permitam às pessoas continuar aprendendo ao longo da vida. Essa nova forma de conceber a educação carrega a tomada de consciência de que, no processo de ensino, é preciso levar em conta os processos de interações e aprendizagens que ocorrem em sala de aula. É preciso, portanto, considerar as necessidade de aprendizagem específicas de cada grupo social ou população atendida.

Os saberes pedagógicos ganham sentido quando se agrega à prática de ensinar. Quando são usados para ler e interpretar a realidade das salas de aula e as relações que decorrem do ato de ensinar. Quando justificam as decisões do professor sobre o que, como e quando ensinar. Quando servem para analisar os resultados da aprendizagem de determinado conteúdo ou o desenvolvimento de competências, entre outros aspectos educacionais.

Quando tomados separadamente, tais saberes e competências pouco ajudam na complexa tarefa de ensinar, tudo fica muito monótono e vazio.

A experiência nos atualiza diariamente. Ajuda a compreender as questões decisivas que envolvem os diferentes modos de vida. Além disso, estabelece chaves para a interpretação das situações que nos rodeia, possibilitando melhor compreensão desta imensa diversidade no que tange o ensino-aprendizagem.

## 12. CERTEZAS PROVISÓRIAS

Ao redigir as falas das pessoas que estiveram no Cárcere, é comum observar de que não mencionaram a escolaridade e quando questionadas diziam ter freqüentado pouco a escola. – Aquele lugar era para “*filhos de burguês*”, esses já haviam nascidos em “*berço esplêndido*” os pais com certeza haviam estudado e não precisaram de deixar a escola para ajudarem no sustento familiar. Se estudavam de manhã no contraturno precisavam de sair vendendo doces no semáforos, recolher materiais recicláveis ou trabalhar como “*meio auxiliar de ajudante de pedreiro*”.

Muitos desses cárceres acreditavam que a assiduidade escolar nada lhes acrescentava, pois ela não trazia o dinheiro e com isso a alimentação não podia aparecer na mesa, além de outras necessidades. A escola não valorizava da realidade daquele que encontra-se à mercê da sociedade; tudo o que ela tratava era sonhos para essas pessoas. Então preferiram afastar-se definitivamente da instituição escolar.

A **educação** precisa de ser repensada, com conteúdos significativos, práticos, contextualizados e que retrate a vivência dos alunos. Logo, perceberiam que “*mudanças*” em seu sentido mais amplo, ocorre através da aprendizagem, da frequência e permanência na escola.

A Educação pode ser um fator de coesão, se levar em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social. Deve-se valorizar e respeitar as diferenças.

Os organismos educativos formais são culpados em limitarem a realização pessoal de muitos alunos, impondo a todos frequentadores da unidade escolar o mesmo modelo cultural e comparando-os intelectualmente, não se dão conta da diversidade e dos talentos individuais.

Então percebi que, ao interrogar *os filhos de cárceres* e alguns ex-detentos, os mesmo questionaram não terem aquisição plena de certos conteúdos em época escolar.

Infelizmente, a escola tem tratado os alunos com uma “*única medida*” ignorando que em seu bojo há uma infinidade de alunos diferentes e com históricos dos mais variados. Com a intenção de adaptação da escola em um único modelo tem como consequência a evasão escolar. Por conta de não terem frequentado a

escola, são definitivamente privados de certos trabalhos, pois não possuem escolaridade exigida, solicitada pelas empresas de Iperó.

A ideia de que ocorre *ensino/aprendizagem* para um determinado grupo em um único momento, seria ignorar as diferenças e desrespeitar o limite de cada aluno.

O ensino deve romper com todos os paradigmas do passado, mas reconhecer como subsídio para a construção desse novo conhecimento.

Busco uma reflexão, análise e (re) avaliação uma resposta para a transformação das práticas pedagógicas. Entender as iniciativas das políticas educacionais de inclusão da diversidade que vem sendo desencadeadas neste ano. Harmonizar na essência da palavra, inter-relacionar e negociar a questão das regras, das normas, o respeito e a tolerância com o outro.

Como podemos ver a partir do que foi exposto acima, temos diversas explicações do porquê do fracasso escolar e as dificuldades diárias que ocorrem dentro da escola, principalmente na questão do ensino-aprendizagem. Cabe-nos buscar suportes para posicionarmos frente aos casos recorrentes em nossas escolas. Estudo como o mencionado nessa pesquisa, indica a necessidade de que busquemos conhecer e respeitar as diferenças culturais, lingüísticas apresentadas por nossos alunos e exercitar a nossa compreensão sobre as implicações dessas diferenças nas produções orais e escritas das crianças e jovens dentro da escola.

Estes desafios aqui postos exigem medidas efetivas, garantir o acesso e a permanência dos alunos e uma educação de qualidade a todos que buscam instrução.

A mudança deste cenário está em nossas mãos enquanto **educadores**.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaio sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 1997.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**, São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANDÃO, Helena Nagamine, (Org.). **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000. v. 5

COSERIU, Eugênio. **Princípios de semântica estrutural**. Madri: Gredos, 1979

FISCHMAN, J. **Sociología del lenguaje**. Madri: Cátedra, 1975.

FOUCAULT, M.. **Vigiar e punir**, 4 ed., Petrópolis: Vozes, 1986.

FREIRE, P.. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores associados / Cortez, 1982.

\_\_\_\_\_. **Educação como pátria da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GNERRE, M. "Linguagem e poder". In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o segundo grau**. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação, 1978. v. IV.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates 1).

MEDRADO, H.I.P. et al.. **Violências nas escolas**. Sorocaba, SP: Minelli, 2008.

MERLEAU PONTY, M.. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERRENOUD, Phillipe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Art Med, 1999.

POSSENTI, S. **Concepções de sujeito na linguagem**. São Paulo: USP, 1993, Boletim da ABRALIN.

SAMPAIO, M.M.F.. **Um gosto amargo da escola**: relações entre cultura, ensino e fracasso escolar. São Paulo: Educa/Fapesp, 1998.

SASSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Poyot, 1969.

SOARES, M. B.. Aprendizagem da língua materna: problemas e perspectiva. **Em Aberto**, Brasília, ano 2, n. 12, 1983.

\_\_\_\_\_. Letramento e escolarização. In. RIBEIRO, Vera Masagão, Letramento no Brasil, São Paulo: Global, 2003

VASQUÉS, A.D.. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VIGOTSKY, L.S.. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.